



Vítima do Rossio: funeral amanhã

Vai amanhã a enterrar Vitor Manuel Ferreira Bernardes, a vítima do tiroteio da madrugada de ontem no Rossio. O funeral sai às 16 horas da Igreja de Nossa Senhora de Fátima para o Cemitério dos Prazeres, tendo o M. D. P. / C. D. E. convidado todos os democratas a incorporarem-se nele.

Vitor Bernardes, segundo o testemunho da família e de quem o conheceu, estava no Rossio acidentalmente. Foi uma vítima totalmente inocente da actuação de pelo menos alguns agentes da P. S. P.

Vivia no Largo do Regedor, número 12, quinto andar. A mulher ainda o viu com vida depois de atingido. Apertaram as mãos. Um quarto de hora depois, segundo a mulher, levaram-no para o hospital. Era tarde.

Segundo afirmou o pai da vítima — cidadão espanhol que se refugiou em Portugal durante a guerra civil do país vizinho — a um matutino, ontem ainda nenhuma entidade oficial se tinha dirigido á família.

Vitor Bernardes era um homem querido de quanto o conheciam. O desespero da família prova o amor que ele tinha. No local de trabalho, a Comissão Venatória Regional do Sul, era muito considerado pelos colegas que o haviam elegido para a comissão de trabalhadores. Há cerca de dois meses fora eleito presidente da Associação dos Antigos Alunos da Escola Veiga Beirão. Na C. D. E. era um destacado activista, animador do grupo de caçadores daquela organização.

O corpo desta vítima inocente dos tiros da P. S. P. deve ir ainda hoje para a igreja de onde partirá o funeral. O atraso deveu-se ao facto de ter de ser feita uma autópsia e de ontem ter sido ferido pelo que o Instituto de Medicina Legal esteve fechado.



Os manifestantes passam junto do Palácio de São Bento

Simpatizantes do P.A.I.G.C. manifestaram-se em Lisboa

«Não ao referendo» e «Unidade Guiné-Cabo Verde» foram as palavras de ordem dominantes da manifestação que ontem percorreu Lisboa, convocada por simpatizantes do P.A.I.G.C., encabeçada por muitas bandeiras deste movimento de libertação, do M.P.L.A., da Frelimo e do M.L.S.T.P.

A manifestação, que, em alguns dos seus pontos, terá reunido perto de mil pessoas, iniciou-se, cerca das 16 horas, com um comício no Jardim da Estrela, durante o qual foi feito um minuto de silêncio pela vítima da P.S.P., morta a tiro no Rossio, por Amílcar Cabral e pelos mortos do colonialismo. Os intervenientes no comício denunciaram as manobras neocolonialistas que pretendem estar por detrás da tentativa de separar o processo indevidamente de Cabo Verde do da Guiné-Bissau, sublinhando a

união entre os povos de ambos os territórios e a sua luta comum, orientada pelo P.A.I.G.C.

Pouco depois das 17 horas, os manifestantes, em grande parte constituídos por africanos, começaram a deslocar-se em direcção ao Rossio, descendo a Calçada da Estrela. Sobre as cabeças erguiam-se as fotografias de Amílcar Cabral e de Eduardo Mondlane, e grandes distícos onde se lia P.A.I.G.C. — Unidade e Luta, Independência imediata para Cabo Verde, Não ao referendo, Não há fascismo liberal nem colonialismo democrático, Trabalhadores cabo-verdianos, trabalhadores portugueses: não aos despedimentos. Durante o percurso muitas centenas de manifestantes gritaram: Não aos massacres! Abaixo o colonialismo, Abaixo o neocolonialismo, Abaixo a repressão capitalista, Um só povo, uma só na

ção, sob a bandeira do MPLA, Independência ou morte, venceremos. Repetindo as palavras lançadas pelos serviços de ordem da manifestação, equipados de megafones, os manifestantes deram vivas aos vários movimentos de libertação das colónias (P.A.I.G.C., M.P.L.A., M.L.S.T.P.) e aos seus dirigentes. A chegada ao Rossio, pelas 18 e 30, fez-se com o mesmo grito lançado pelos manifestantes da noite de quarta-feira, aquando da primeira

carga policial: M.P.L.A., vitória ou morte!

Junto à estátua foi, então, colocada uma bandeira do P.A.I.G.C. ladeada pelas dos outros movimentos nacionalistas, tomando a palavra alguns simpatizantes do partido guineense.

— Hoje os trabalhadores das colónias e os seus irmãos portugueses mostraram o seu apoio inequívoco aos povos africanos em luta — começou

Continua na pág. 20

MOÇAMBIQUE Terrorismo da Direita

LOURENÇO MARQUES, 16 — (Do nosso correspondente)

O terrorismo urbano de extrema-direita voltou a Lourenço Marques. Cerca das 3.30 da madrugada de ontem, o jornal «Notícias» foi alvo de um atentado levado a cabo por três indivíduos brancos, armados de pistolas e granadas, que, depois de dominarem o guarda que ali estava de serviço, conseguiram entrar, regando as instalações com gasolina para logo de seguida fazerem explodir uma granada. A deflagração verificou-se na casa das obras, destruindo várias máquinas e equipamento oficial elevando-se os pre-

juízos a cerca de 10.000 contos. No entanto, por mero acaso, não foi atingido o complexo da rotativa que imprime o jornal, pois na altura a máquina estava parada para mudança da bobina do papel. Não há vítimas a lamentar e quer o «Notícias», quer a «Tribuna», que pertencem ao mesmo grupo (B.N.U.) e funcionam no mesmo edifício não interromperão a sua publicação.

O guarda de serviço, que foi manietado, descreveu com pormenores as características dos assaltantes. Todos jovens, que só taparam a cara com lenços depois de terem entrado. Segundo aquele guarda José Piçarro, que durante o atentado teve sempre uma arma apontada à cabeça, os assaltantes, que fugiram depois num carro branco, traziam, além das pistolas, um saco com granadas e um recipiente com gasolina.

Este atentado bombista está a ser investigado pelas autoridades competentes, sendo de considerar a hipótese de cumplicidade de algum elemento reaccionário dos vários que ainda ali continuam a trabalhar e que, possivelmente, teria facultado informações de carácter interno referentes a horários, planta das instalações e outros pormenores.

Durante o dia de ontem grande parte da população de Lourenço Marques que tomou conhecimento do sucedido através dos noticiários do R.C.M. acorreu ao local para ver os

Continua na pág. 20

DEFINIDAS AS PEQUENAS E MÉDIAS EMPRESAS

Um despacho conjunto dos ministros das Finanças e da Economia acaba de reajustar a definição do que sejam as pequenas e médias empresas.

Cabem nessa categoria, a partir de agora, as unidades das indústrias extractivas e transformadoras, da cons-

trução e obras públicas e dos transportes que satisfaçam as seguintes condições: — empregarem habitualmente mais de 5 e não mais de 300 pessoas, e terem vendas por ano e por emprego (imposto de transacção excluído) não superiores a 200 contos, no caso da indústria extractiva, indústrias têxteis, fabricação de calçado e outros artigos de vestuário e têxteis em obra, indústrias da madeira e da cortiça, indústria do mobiliário, tipografia, editoriais e indústrias

conexas, indústrias dos produtos minerais não metálicos com excepção dos derivados do petróleo e do carvão; a 300 contos, no caso das indústrias do papel e dos artigos de papel, indústria de curtumes e dos artigos de couro e pele com excepção do calçado e de outros artigos de vestuário, indústria da borracha e transportes; e a 400 contos, no caso da indústria da alimentação, indústria das bebidas, indústria do tabaco, indústrias

Continua na pág. 18



No primeiro andar do número 125 da rua da Misericórdia, onde, antes do 25 de Abril, estava instalada a Censura, tem agora a sua sede o Movimento Socialista Popular. (Ler na pág. 20)

GERAL

A GUARDA PRETORIANA

O velho «cívico» desapareceu, com seus bigodes e chanfalho imortalizados pelo lápis de Bordalo. A polícia de segurança, com o fascismo, transformou-se numa guarda feroz e brutal, que usava a violência como sistema. Que usava os bastões, os cães e as armas de fogo a propósito de tudo e de nada. O abuso de autoridade era a regra; a agressão, a normalidade; o desrespeito dos cidadãos, o trivial.

Fosse manifestação, desordem ou simples incidentes na via pública, a polícia espancava por sistema, na rua e nas esquadras. Espancava e por vezes matava, com total impunidade.

O povo era tratado como inimigo. E essa prática prosseguiu depois do 25 de Abril. No Porto, por exemplo, as manifestações de alegria foram dissolvidas pela violência, até as Forças Armadas tomarem conta da situação. Agora, em Lisboa, a presença da polícia nas ruas está a transformar manifestações mais ou menos pacíficas em cenas de violência. E já houve mortes. A P.S.P. continua a actuar contra o povo, apesar da chamada «brigada de choque» ter sido dissolvida.

Esta situação não pode continuar. O País tem o direito de exigir que o respeitem. Não pode sustentar uma polícia que constitui uma ameaça perigosa de violência e morte sistemáticas. Num Portugal que quer caminhar para a Democracia, há que encontrar rapidamente uma solução civilizada para a ordem democrática em que todos pretendemos viver.

MANUEL DE AZEVEDO

SINDICATO DOS OPERÁRIOS DAS INDÚSTRIAS QUÍMICAS DO NORTE

CONVOCATORIA

Convocam-se todos os operários, sócios ou contribuintes, para uma ASSEMBLEIA GERAL a realizar no próximo Domingo (dia 18) pelas 16 horas no Pavilhão do Académico — Rua Costa Cabral — com a seguinte Ordem de Trabalhos:

1. Informação sobre a actividade Sindical
 - a) Comunicação da Comissão Directiva aos Operários Químicos
 - b) Apresentação do Projecto de Contrato Colectivo de Trabalho
2. Regulamento eleitoral

As entradas serão rigorosamente controladas.

Por isso, os operários devem trazer o seu Cartão Sindical; se o não tiverem devem trazer o recibo de pagamento de salário e um cartão que comprove a sua identidade.

Porto, 14 de Agosto de 1974

A COMISSÃO DIRECTIVA

Fernando Pinto

PUB.

BANCO PINTO & SOTTO MAYOR

Anuncia a publicação regular de uma série de artigos sobre temas económicos, monetários e financeiros.

1. A informação de carácter económico sempre foi deficiente em Portugal: as revistas da especialidade contam-se pelos dedos da mão, a rádio e a televisão raramente foram utilizadas para esse efeito, porque a vida económica do país era coisa tida como feudo de uns tantos «entendidos», e a imprensa diária nunca foi além de umas incipientes páginas de «economia» ou «economia e finanças» em que se inseriam uns artigos sobre temas de maior ou menor actualidade, destinados a um grupo bastante restrito de leitores, salvo raras e honrosas excepções, além de que se inspirava mais na preocupação de pôr em destaque a colaboração recebida deste ou daquele nome cujo relevo social e político normalmente interessava ao periódico.

Ação de esclarecimento sistematizada, com características de acção divulgadora mas pautada por critérios de análise, de rigor técnico e de sentido crítico profundo, não nos parece que jamais tenha sido levada a cabo através dos órgãos de informação (nem, aliás, por outros meios).

Teria sido, aliás, possível essa acção, quando a sua realização implicava, necessariamente, chamar a atenção do País para profundos males da economia nacional com grandes incidências na vida política e social do mesmo?

Nem valeria a pena formular esta interrogação, não fora a conveniência de evitar que leitor menos reflectido nos viesse argumentar: porque não o fez o «Sotto Mayor»?

Na verdade, as razões porque não existiram as revistas da especialidade, a rádio e a televisão se mantiveram quase alheias destes problemas e não permitiram que a imprensa diária desenvolvesse acção de relevo, foram as mesmas que impediram o banco de promover semelhante acção que mais de uma vez se encontrou nos seus planos.

2. Alteraram-se, felizmente, as circunstâncias.

O País pode hoje exprimir-se livremente; a vontade de conhecer os males e de os remediar constitui uma preocupação generalizada da população.

No entanto, perante circunstâncias tão favoráveis ao desenvolvimento de uma profunda consciência das realidades económicas do País, parece que continua a escassear a informação assente em dados objectivos.

Assim é que se encontra, hoje, a cada passo, referências, através dos diversos meios de comunicação social, à debilidade das nossas estruturas económicas à falta de selectividade do crédito bancário, à dependência da economia nacional dum restrito grupo de interesses económicos, à sua intensa subordinação a empresas estrangeiras, designadamente multinacionais, etc., etc., sem que, entretanto, se tente explicar concretamente quais as causas dessas situações, se avalie com rigor a sua extensão e se apontem ou sugiram os seus reais efeitos no processo de desenvolvimento económico do País.

Nesses termos se procede, hoje na apreciação do comportamento de largos sectores da economia nacional, designadamente em relação à «Banca», cuja actuação é classificada de «sabotagem», sem que até ao momento, tenha sido aduzido um único número que expresse a sua situação objectivamente.

Parece que se procede do seguinte modo:

a) constatava-se a existência de significativo número de pedidos de crédito que não são satisfeitos;

b) logo se conclui que a causa é a vontade de prejudicar a sobrevivência das pequenas e médias empresas.

O que não se compreende é que na constatação dos factos se esqueçam as grandes empresas que também se queixam de falta de crédito e que, sendo a economia do País fundamentalmente constituída por pequenas e médias empresas, se a «Banca» não as estivesse a apoiar, o sistema económico já tinha pura e simplesmente ruído.

3. Sobre o comportamento da «Banca», vejamos, porém, qual a lição a retirar dos números (milhares de contos):

a) O crédito concedido pelos bancos comerciais, casas ban-

cárias e instituições equiparadas, por carteira comercial, subiu de 85.526 em Janeiro de 1972 para 108.449 em Janeiro de 1973 e para 150.810 em Janeiro de 1974, isto é, teve um crescimento percentual, respectivamente de 26,8% e 39,06%;

b) Este crescimento do crédito só foi possível graças ao crescimento dos recursos, constituídos, fundamentalmente, pelos depósitos que evoluíram do seguinte modo: subiram de 136.884 em Janeiro de 1972, para 168.359 em Janeiro de 1973, e para 213.091 em Janeiro de 1974, isto é, 22,99% e 26,57%;

c) Já no ano em curso de Janeiro a Março, a evolução foi a seguinte: Crédito por carteira comercial + 6.483; Depósitos + 9.796

Perante tal evolução de recursos poucas eram as solicitações de crédito que validamente se poderiam queixar de não encontrar satisfação no mercado: desde o financiamento à constituição de capital fixo das empresas, ao crédito pessoal, não se reclamava quanto à falta de selectividade do crédito distribuído pela «Banca» — que, no entanto, a haver, não teria impedido só por si a extraordinária expansão de importantes áreas desse crédito, apesar de constituir na conjuntura de então um mal bastante grave.

Outros instrumentos de controlo teriam sido necessários.

Que aconteceu, porém, posteriormente?

Início duma redução sensível nas taxas de expansão do crédito, que aliás, já se havia feito sentir no decurso do 1.º trimestre, como o demonstra, a taxa de expansão de 4,29% registada de Janeiro a Março, que, ainda que não viesse a agravar-se, conduziria a uma taxa anual de 25,74% contra 39,06% verificada no ano anterior.

Resultado de, malevolamente agir a «Banca» para prejudicar o fluir do sistema económico?

Consequência irreversível da necessidade de manter o equilíbrio entre os créditos sobre os clientes e os débitos em relação aos depositantes?

Ainda não se encontram publicados os números globais do sistema bancário.

Sem números não é possível fazer afirmações sobre economia bancária.

Mas se o sistema se comportou em consonância com o que ocorreu no B. P. & S. M. — e nas circunstâncias é legítimo concluir que assim foi — os depósitos sofreram uma acentuada quebra.

No caso, a redução foi de 700.000 contos entre 8/5/74 e 5/6/74. Felizmente que a recuperação se iniciou posterior-

mente, encontrando-se já restabelecida a posição registada naquela primeira data!

Quanto ao crédito concedido pelo B. P. & S. M. pode-se afirmar que nunca desceu aquém dos limites atingidos em fins de Abril e que em fins de Julho apresentava um nível mais elevado do que o verificado nessa altura: 300.000 contos mais, aproximadamente.

Neste apoio não sofreram excepção as pequenas e médias empresas que constituem a grande maioria da clientela.

É evidente que esta situação só foi possível graças ao apoio do Banco de Portugal, cuja Carteira Comercial evidencia bem o valor da sua intervenção no mercado: de 12.919.461 contos em 24 de Abril de 1974 subiu para 16.011.474 contos em 5 de Junho de 1974, último número publicado, mas que hoje se presume estar substancialmente aumentado.

4. E como se fizeram sentir, nesta conjuntura as remessas dos emigrantes cujo papel no financiamento da economia nacional é tão importante?

No caso do «SOTTO MAYOR» a uma significativa quebra verificada nos meses de Maio e Junho seguiu-se uma animadora recuperação, de tal modo que, os níveis atingidos em fins de Julho deste ano ultrapassaram em mais de 25% os níveis atingidos em igual mês do ano anterior.

Mas será esta afirmação suficientemente explicativa se não correlacionarmos remessa de emigrantes com utilização do seu contravalor em escudos por parte dos seus familiares?

É este um problema em que é preciso reflectir para que se encontrem soluções adequadas para as dificuldades de financiamento que a economia atravessa.

A reconstrução da economia nacional exige a análise serena e objectiva dos seus vários sectores.

5. O imperativo de se proceder com objectividade na apreciação das realidades nacionais, quer sejam económicas ou de outra natureza, neste momento histórico da vida nacional, para que seja possível fazer trabalho de sã e profunda renovação levou o B. P. & S. M. a dar execução a um plano tantas vezes formulado, de elaboração de estudos sistematizados sobre vários sectores da vida económica nacional, sem excluir o domínio monetário e financeiro, destinados a publicação na imprensa diária, sobretudo quanto aos que mais se prendam com as preocupações actuais da opinião pública, e em brochura destinada a ser distribuída gratuitamente a quem o pretender.

Gabinete de Estudos Económicos

CABARET SOMMO

TODAS AS BEBIDAS QUE QUISER DAS 22,30 H. EM DIANTE

UM ESPECTÁCULO DE MUSIC-HALL

(O SHOW COMEÇA ÀS 23,30)

RESERVAS PELO TELEFONE 28 37 50

PRAÇA DE TOUROS DE CASCAIS PÓRTICO N.º 11

INTERDITO A MENORES DE 18 ANOS

GRANDE FEIRA DO DISCO

MILHARES DE DISCOS

A 25\$00

DESCONTOS ESPECIAIS PARA REVENDA

RUA FORNO DO TIJOLO, 25 - C

TORQUATO DA LUZ

As duas faces da benevolência

A Democracia aprende-se fazendo, o que equivale a dizer que se constrói na prática diária. Próprio dela é ir-se cimentando hora a hora, pelo esforço nem sempre fácil dos que efectivamente estão empenhados em torná-la realidade e que, para tanto, sabem distinguir o essencial do acessório e mantêm, acima do conhecimento das vicissitudes que ocasionalmente a possam afectar, o ânimo suficiente para seguirem em frente.

Claro que certos boatos, ou mesmo notícias confirmadas de acontecimentos ou medidas de cariz antidemocrático cuja responsabilidade reside em pessoas ou entidades de quem não se deveriam esperar, lançam necessariamente alguma perturbação. E é justo e perfeitamente compreensível que suscitem reacções mais ou menos acaloradas.

O povo está sinceramente empenhado na construção da Democracia, segundo se pode inferir das múltiplas provas de civismo dadas a partir de 25 de Abril. A grande maioria dos portugueses tem manifestado inequívoca adesão aos princípios basilares do Programa do Movimento das Forças Armadas.

Lógico é, portanto, que, assim entregue de alma e coração às tarefas de construção da Democracia, e tão solidário com a política preconizada pelo M.F.A. (que identifica como a única susceptível de, aqui e agora, defender eficazmente os seus verdadeiros interesses), o povo faça erguer a sua voz indignada de cada vez que toma conhecimento de factos, atitudes ou medidas que, de perto ou de longe, suspeita contribuir para retardar o processo em curso.

Nesta perspectiva se inscreve, claramente, a saudável manifestação popular de desagrado, verificada às portas da Cadeia Peni-

tenciária de Lisboa, ante a suposição de que se estaria a ser demasiado brando em relação aos reclusos da ex-PIDE-DGS. Mera suspeita? Acreditamos que sim. E, porque sabemos que o povo português não alimenta ódios, nem é apologeta do «olho por olho, dente por dente», nada nos pode levar a supor que a sua presença naquele local tenha assumido outro significado que não fosse a intenção de pedir justiça. Uma justiça que não é, forçosamente, a mesma que reivindicavam os reclusos, mas antes tem a ver com a exigência (a que todos nos sentimos com direito) de que, neste caso, a Lei se socorra de toda a dureza que lhe é iminente. Não falta quem apele já, por aí, para a brandura dos nossos costumes, confundindo a tradicional capacidade de perdoar que nos caracteriza com o «deixar andar», que é desleixo, abandono imperdoável da justa defesa dos nossos reais interesses e desastrosa brecha na muralha que todos estamos empenhados em construir.

A benevolência tem duas faces e uma delas é crime. Saibamos usar apenas a que se adequa à tarefa que nos ocupa agora: a consolidação da democracia em Portugal. Utilizar a outra não é, apenas, ceder terreno ao inimigo (que existe e cuja actividade só os cegos não vêem) mas atentar, de facto, contra os legítimos interesses do País.

E quais são os legítimos interesses do País? Não, decerto, os de uma minoria exploradora que viveu «à barba longa» durante os 48 anos do fascismo. Antes, isso sim, os do povo — o povo que é preciso ouvir (e não é preciso ouvir, se arvoram em seus representantes), o povo com quem é preciso aprendermos muita coisa. E ver-se-á que nele reside, puro e intacto o conhecimento da face correcta da benevolência.

MARIA JUDITE DE CARVALHO

ACREDITAR

Isto de acreditar mesmo é às vezes extremamente engraçado. Não me refiro, está bem de ver, a crenças num deus ou num ideal, isso é outra história. Para o que estou a pensar, acreditar uma pessoa em si própria, no seu talento, na sua importância no mundo, serve muito bem.

Eis os que se transformam — se vão transformando a pouco e pouco — a velocidade dos ponteiros do tempo — no busto que nunca terão ou até talvez venham a ter, com isto de bustos nunca se sabe. De resto, é secundário. Ei-los sentados

(ou de pé), e isso sim, é importante, num pedestal inexistente, o queixo erguido, o olhar longe, as palavras raras e nítidas como que esculpidas para a eternidade. São pré-estátuas. E há por vezes ali por perto (ou será alucinação?) pré-pombos esvoaçando. Estes os que acreditam na glória um dia. Os imortais-prévios. Mas há também os que com razão ou sem ela acreditam na sua importância — hoje.

Usam um manto invisível mas roçagante, pesado, que os obriga a caminhar com lentidão,

com dignidade. Podem ser donos de uma grande empresa ou de uma loja importante. São, a seu modo, triunfadores. O grande da família. O que tem, enfim, mais dinheiro e mais influência. O que faz favores e deve portanto ser escutado. E como ele se aproveita dessa obrigação que os outros sentem de o escutar! As histórias que conta e em que teve sempre o grande papel, a grande frase, o grande gesto. Ele disse e não tiveram resposta para lhe dar. Ele fez e fez muito bem. Ele pensou e o seu pensamento foi, naturalmente,

te, profundo. Há em volta sorrisos amarelos pegados com goma arábica, palavras-bengala de quem não sabe que dizer. Pois. Veja lá. Quem havia de pensar. Ali, fez muito bem. Risos. Sorrisos mais amarelos ainda se possível. Silêncios. E ele de novo.

Vistos do exterior têm muita graça. Isto, naturalmente, se estivermos bem dispostos e observarmos com objectividade a estátua e o mando e ouvirmos ao de leve as palavras de pedra e o discurso. Com objectividade. De outro modo são um atraso de vida.

URBANO TAVARES RODRIGUES

A trágica semana de Luanda e o futuro de Angola

Nenhuma revolução, até hoje, se realizou sem tragédia, desde o Cristianismo à Reforma, a 1789, ao 6 de Novembro. O sangue derramado em Luanda é, em certa medida, o tributo, pago pelas duas comunidades em confronto, ao advento de uma Angola que desejariamos livre, sob a bandeira do M. P. L. A.

Claro que as forças da reacção estão por detrás dos massacres e dos desastrosos praticados em Luanda contra as ordens terminantes do Almirante Rosa Coutinho, responsável pela promoção de negociações conducentes à formação de um Governo Provisório representativo do povo de Angola. As forças da reacção e não só. Também os pequenos comerciantes brancos, que viviam da exploração desumana dos africanos, também os «taxistas» embriagados durante anos por uma convicção racista de ilusória superioridade, que em poucos dias se esboroou. Também os aventureiros de toda a sorte, a soldo de quem melhor pague. A escumalha de pés brancos os inúteis, os meninos violentos do Bairro do Golfe. Cindiu-se a cidade maravilhosa em duas zonas bem demarcadas: urbana e suburbana. Nesta última, a dos pobres, é que lateja, porém o futuro, o coração grande e negro de Angola.

Só a revolução económica cria as condições indispensáveis à

abolição de todas as formas de opressão política. Sabem-no os militantes e os simpatizantes do M. P. L. A., que não são racistas nem tribalistas.

Se é certo que o M. P. L. A., enquanto decorre a conferência de Lusaka, cujo desenlace é também decisivo para a libertação total de Angola, dispõe já de uma instituição militar autónoma, as Forças Armadas Populares de Libertação de Angola, exército regular que congrega os combatentes da Frente Norte e Leste, não é menos certo que as suas palavras de ordem continuam a ser de paz e tolerância na firmeza, assegurando aos angolanos brancos igualdade de direitos, respeito pelas suas pessoas e bens.

Só os exploradores das classes trabalhadoras, os monopólios e as multinacionais têm razões para recear aqueles que têm lutado pelo termo da opressão colonialista e pela constituição do Estado soberano de Angola. Porque esses mesmos, os militantes do M. P. L. A., bater-se-ão contra o neo-colonialismo e contra todo e qualquer estatuto de minoridade.

As sãs relações entre Portugal e as novas nações africanas que estão saindo já do reconhecimento do seu direito à independência, têm de assentar, de acordo, no respeito de todas as etnias, mas sobretudo no princípio de direitos iguais para todas as

nações. Angola é já uma nação que nasceu no sangue e na dor, no sacrifício e na tortura. Só a sua cabeça, Luanda, tem ainda os olhos toldados por um véu de demência, de egoísmo furioso.

O Movimento Democrático de Angola, onde minha prima Maria do Carmo Medina tem lutado com serena coragem e correndo os maiores riscos quer no tempo do fascismo quer depois do 25 de Abril, que em Angola não mudou logo de início as estruturas, senão que acirrou o desespero dos colonialistas mais obtusos e mais obstinados, o M. D. A. tem desempenhado um papel importantíssimo, como medianeiro e porta-voz das soluções do bom senso e da justiça. Deve-se-lhe em parte a limitação das retaliações nos musseques, tal como se deve, aliás, toda uma política humanista à linha socialista do M. P. L. A., partido para o qual não existem raças, existem homens, classes sociais e uma batalha comum a travar contra o imperialismo. Minha prima Maria do Carmo Medina, Rodrigues Vaz e outros camaradas do M. D. A. têm a vida em perigo na cidade dos brancos, porque, como verdadeiros democratas, têm demonstrado ser, acima de tudo, seres humanos.

Que vai passar-se nos próximos dias em Luanda?

Não é possível, aqui em Lisboa, prevê-lo com

segurança. Parece-nos que a violência terá de diminuir, porque nessa acalmia está empenhado o prestígio do Movimento das Forças Armadas e o próprio processo da democratização em Portugal. Todas as liberdades são solidárias. Desiludam-se os que ainda aguardam uma paz imperialista. A paz em Angola será democrática, revolucionária e popular.

Ainda que se construa por etapas, a transformação de um país de servos em homens livres nunca poderá calcar-se em modelos burgueses. A imensa maioria dos angolanos, mais de quatro quintos, vive ainda em estado de semi-escravidão, por culpa do fascismo que a todos nos oprimiu. Saibam os angolanos brancos de Angola partilhar fraternalmente a experiência — epopeia de paz autêntica e de governação socialista — que ao M.P.L.A., uma vez no Governo, partilhe-o com quem o partilhar, cabe empreender para o controlo da produção e para a equitativa repartição do trabalho e dos bens.

Saudamos hoje aqui, com satisfação, o facto de Portugal, através do seu embaixador na ONU, ter recomendado a admissão da Guiné-Bissau, nas Nações Unidas, com o seu 138.º Estado-membro. Em breve os efectivos militares portugueses serão reduzidos no território da Guiné-Bissau, ali ficarão

Continua na pág. 18

NACIONAL

NOTA OFICIAL:

Iniciados os indispensáveis inquéritos

O Governo Provisório e o Estado-Maior General das Forças Armadas comunicam:

1. O Comício, de apoio ao M. P. L. A. convocado para as 21 e 30 de anteontem, 14 de Agosto, no Pavilhão dos Desportos, havia sido proibido pe-

lo Governo Provisório e Estado-Maior General das Forças Armadas. Sublinha-se que já no dia anterior, a Casa de Angola tinha tido conhecimento daquela decisão, por intermédio da Câmara Municipal de Lisboa.

2. O M. P. L. A. rejeitou até agora todas as ofertas de Paz do Governo Provisório e declarou a intenção de continuar indefinidamente a luta em Angola, desprezando os anseios dos Povos Angolanos. Os soldados de Portugal serão obrigados a manter vigilantes a sua defesa em Angola; o Governo e o E. M. G. F. A. não podem autorizar na retaguarda de Portugal o apoio ao M. P. L. A. enquanto mantiver a sua atitude belicista.

3. Contrariamente ao que fora determinado e por estarem impedidos de o fazer no local previsto, os manifestantes concentraram-se no Marquês de Pombal, desceram a Avenida da Liberdade e pretenderam organizar o Comício no Rossio pelas 23 horas de anteontem.

4. De acordo com as directivas de proibição, emanadas do Governo e do E. M. G. F. A., as forças da P. S. P. e da Polícia Militar deslocaram-se para aquele local onde, depois de insistentes avisos por altifalantes convidando os manifestantes a dispersarem e por não terem sido atendidos, tiveram de actuar e controlar a situação.

5. Cerca da 1 da manhã de 15 (ontem) os manifestantes ordenados tinham dispersado.

Quando o pessoal da P. S. P. e P. M. embarcou nas viaturas, e estas já estavam em movimento, elementos provocadores em grupos dispersos apedrejaram as viaturas da P. S. P. provocando cinco feridos ligeiros e danos avultados.

Com dificuldade, actuando com a preocupação de limitar a violência, foi neutralizada a acção dos provocadores.

6. Pouco depois, estes provocadores passaram a agressores e usaram armas de fogo. As Forças da Ordem foram

forçadas a reagir e em resultado há a lamentar 1 morto e 1 ferido ligeiro.

7. Depois, os agressores realizaram uma tentativa de assalto à 8.ª Esquadra da P. S. P., situada próximo do Rossio, com apedrejamento e insultos aos guardas da P. S. P. o que exigiu nova intervenção defensiva, não se registando feridos, mas apenas prejuízos materiais em viaturas civis causados por apedrejamentos.

8. Situações deste tipo são lamentáveis pelo que revelam mas sobretudo pelos sobressaltos, dores e luto que provocam a um Povo que procura encontrar o caminho da Liberdade e da Democracia.

9. Estão iniciados os indispensáveis inquéritos sobre os incidentes, desejando sublinhar-se, desde já, que nada prova até agora que as provocações e agressões contra as Forças da Ordem tenham sido orientadas ou executadas por populares simpatizantes do M. P. L. A.; as averiguações terão de esclarecer se a génese da provocação radica sobretudo em reacções da Extrema Direita ou da Extrema Esquerda Revolucionária.

10. O Governo e o E. M. G. F. A. estão confiantes no bom senso instintivo do Povo Português que sempre finaliza por se aperceber do verdadeiro inimigo e de o condenar com plena consciência das razões ocultas dos interesses provocatórios.

11. Os governantes, elementos do Povo Português, reconhecem a importância de nos mantermos vigilantes, atentos e serenos face à infiltração nas manifestações de massa de elementos provocadores que visam reagir ao processo de democratização em curso.

MATARAM O CAÇADOR

Nasceu e morreu no dia da abertura da caça. Conheci-o na sede da C. D. E. Já o tinha por lá visto bastantes vezes. Pertencia a uma base local, de freguesia. Mas andava preocupado com outras coisas. Nasceu no dia da abertura da caça era um caçador. Era um homem que entendia as questões, os problemas, as injustiças, da caça em Portugal. Neste ano da liberdade, sabia que a abertura da época geral da caça poderia originar graves problemas. Muitos caçadores falavam em entrar por coutadas e aramados, quer isso lhes fosse autorizado ou não, e responder a tiro a quem se lhes quisesse opor. Ele sabia, porque conhecia muitos caçadores (trabalhava na Comissão Venatória da região do Sul), que esse perigo era real.

Foi por isso que um dia veio falar comigo. «Vamos fazer um grupo de caçadores aqui na C. D. E.? Um grupo de caçadores era uma coisa fora do vulgar, que não entrava muito no esquema. «Mas uma lei da caça justa é um objectivo popular. São 200 mil caçadores deste País. A grande maioria deles são trabalhadores. Além disso há o problema da violência...»

Foi-se para a frente. Constituiu-se o grupo. Com pessoas que ele conhecia. Com amigos de pessoas que ele conhecia. Animado por ele, o grupo elaborou extenso e pormenorizado documento. Foi moroso. Mas era completo. Revelava estudo, conhecimento. Revelava sobretudo bom senso e trabalho.

Quase todos os dias ele entrava pela sede da C. D. E. O caçador ajudava outros companheiros em tarefas que nada teriam a ver com ele se ele não fosse amigo, democrata, trabalhador. Porque ele era isso, tudo lhe dizia respeito.

Nunca amou o caçador entrar naquela casa da Rua Artilharia 1. Amanhã é a sua última viagem. Mataram-no no Rossio com três tiros. Tinha ido buscar medicamentos para o filho que faria um ano daqui a dias.

Vitor Manuel Ferreira Bernardes empenhara-se em evitar que a abertura da caça fosse marcada pela violência. Na C. D. E., a última coisa que fez foi um apelo, enviado para os jornais à calma dos caçadores, porque qualquer violência poderia fazer perigar o curso democrático em que estávamos empenhados. E que ainda não tinha sido anunciada a nova regulamentação. Afinal o dia da abertura da caça veio a ser assinalado pela violência, por uma morte de um caçador. Mas não foi em nenhuma coutada, em nenhum aramado. Foi no Rossio.

Vitor Manuel Ferreira Bernardes não pode ser incluído na categoria de «extrema-direita» nem de «extrema-esquerda revolucionária». Pelo contrário. Que o digam os seus companheiros de trabalho, que o elegeram para a sua comissão de trabalhadores. Que o digam os antigos alunos da Escola Veiga Beirão, de cuja associação era presidente há cerca de dois meses. Que o digam os caçadores que com ele trabalharam.

Vitor Manuel Ferreira Bernardes era um cidadão como há poucos neste País. Trabalhador, consciente, com iniciativa, sereno, empenhado na construção de um Portugal verdadeiramente novo.

Mataram-no no Rossio com três tiros. O seu corpo recolhe amanhã à terra. A sua memória e o seu exemplo permanecerão em todos que o conheceram.

A. VILLA VERDE CABRAL

PARTIDO SOCIALISTA:

“RESPEITAR O ESPÍRITO DO 25 DE ABRIL”

O Partido Socialista aponta no seu comunicado a necessidade de se definir com clareza quem é responsável pela actualização da P. S. P., do mesmo modo que se exige que o espírito do 25 de Abril e do Movimento das Forças Armadas inspire, também, como se impõe, as forças às quais se incumba a delicada missão de assegurar o respeito pela ordem pública». Afirma ainda o Partido Socialista que «ao fim de três meses de liberdade

e apesar dos graves conflitos latentes que atravessam a sociedade portuguesa, pode afirmar-se, sem receio de contestação que a questão da ordem pública é problema que se não põe. Impõe-se que as polícias saibam comportar-se de modo a não suscitar dificuldades num domínio em que tudo se tem passado com impecável e surpreendente correcção e evitem a titides que se afigurem provocatórias.»

Luar: impõe-se vigilância

A L. U. A. R. também se pronunciou sobre os acontecimentos do Rossio que originaram uma morte e alguns feridos. Esta organização política enviou à Imprensa um comunicado, de que destacamos as seguintes

palavras: «A P. S. P. e a Polícia de Choque, que diziam dissolvida, demonstraram de novo a sua vontade sanguinária e criminosa». (...) «Os trabalhadores têm de estar vigilantes para a sua auto-organização e defesa».

P.P.D.

Não aos processos brutais

O Partido Popular Democrático qualifica de «profundamente lamentáveis» os incidentes do Rossio, visto que a P. S. P. pode utilizar métodos de dispersão de pessoas que não põem em perigo as suas vidas. Ainda que considerando que a ordem tinha e tem de ser mantida para cumprir ordens do Governo Provisório e do Estado-Maior-General das Forças Ar-

madadas, repudia «os processos brutais que ponham em risco a vida de qualquer cidadão», além de entender que, quando é fundamental manter a unidade das forças democráticas se impõe evitar «situações que em nada contribuem para o caminho da verdade, serena e objectiva, mas antes fomentem um clima de instabilidade que apenas serve os interesses antidemocráticos».

MEDIDAS MAIS PROFUNDAS DE SANEAMENTO - PEDE O P.C.P.

1 — Logo após o motim dos pides-D. G. S. na Penitenciária e as cargas contra o povo que alarmado se juntara, repetem-se em Lisboa actos de violência que aproveitam directamente à reacção.

O. P. C. P. protesta vigorosamente contra a repressão exercida por elementos da P. S. P., de que resultaram um morto e vários feridos.

2 — Ao mesmo tempo que condena tais actos repressivos, o P. C. P. insiste em que a exaltação esquerdista e as violações da ordem democrática fazem o jogo da reacção. O P. C. P. condena as acções provocatórias de fascistas e de esquerdistas contra as Forças Armadas e militarizadas.

3 — E de salientar a contradição entre os actos de violência praticados diante da Penitenciária e no Rossio e as negligências de certas autoridades no patrulhamento de ruas e localidades para segurança das populações e no regulamento do trânsito e as recusas ou indiferença ante pedidos de intervenção feitos pelo povo.

Os factos mostram que persiste

um problema de fundo que é impenoso e urgente resolver.

4 — O P. C. P. sublinha que não é justo identificar as forças militarizadas no seu conjunto com os responsáveis pelos actos de repressão violenta. Não se deve deixar criar um clima de excitação que se dirija indiscriminadamente contra todos os membros dessas forças.

5 — Os acontecimentos dos últimos dias inserem-se numa situação caracterizada por uma intensiva actividade da reacção com vistas a dificultar o processo de democratização, do estabelecimento da paz e da independência dos povos submetidos ao colonialismo português. A criação de um clima de insegurança e de conflitos nas ruas é fomentada pela reacção e pelos esquerdistas pseudo-revolucionários conjugados no mesmo objectivo de provocar o descontentamento contra o Governo Provisório e o Movimento das Forças Armadas.

As tentativas para promover distúrbios e a brutalidade na repressão constituem aspectos completamente que só podem servir os inimigos da democracia e da paz.

6 — Para impedir a degradação política é indispensável:

a) Abrir imediato inquérito para o apuramento de responsabilidades à actualização repressiva de forças da P. S. P. diante da Penitenciária no dia 12 e no Rossio no dia 14;

b) Tomar medidas mais profundas de saneamento em todo o aparelho de Estado, designadamente novas «medidas para a reorganização e saneamento das forças militarizadas (G. N. R., P. S. P., G. F., etc.)», conforme dispõe o Programa do Movimento das Forças Armadas.

TELEVISÃO INDEPENDENTE EM PORTUGAL

O problema das novas estações de TV em Portugal é assunto ventilado na revista «Plateia» desta semana.

COMISSÃO ADMINISTRATIVA DA CÂMARA MUNICIPAL DE SESIMBRA

AVISO

A Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Sesimbra faz público que se recebem pedidos para Um Agente Técnico de Engenharia para os Serviços Técnicos de Obras desta Câmara Municipal, em regime de mera prestação de serviços em tempo inteiro ou parcial, conforme contrato a estabelecer.

Os concorrentes devem dirigir-se à Secretaria desta Câmara Municipal onde serão prestados todos os esclarecimentos necessários sobre o assunto durante as horas normais de expediente.

Sesimbra, 13 de Agosto de 1974

O Presidente da Comissão Administrativa,

Auréli de Sousa

DAS PALAVRAS QUE FORAM MUITAS INSUPOORTAVELMENTE MUITAS

Desculpem os amigos que participaram naquela grande mesa-redonda sobre a actividade na Escola de Teatro, com Osório Mateus à cabeça. Gostava de ter tomado conta nas suas palavras, no relato de uma experiência que me pareceu muito rica. Pareceu-me. Amanhã obrigo a fita magnética a andar para trás e vou tomar conta de cada palavra, senão para objecto de crítica, ao menos para minha ilustração pessoal.

Desculpem-me igualmente os amigos que participaram naquele também colóquio sobre arquitectura promovido pela Cinequanon: Manuel Vicente, Gabriela Vieira de Almeida, Manuel Tainha, Francisco Silva Dias, Margarida Lobo, Bárbara Lopes, Carlos Amado, o Carlos Alberto. Que me desculpem não poder apresentar aqui diário de tão fatigante viagem: Fatigante: desculpem-me o adjectivo. Ingrato, certamente. As pessoas falam, falam, falam, são interrompidas, voltam a falar, falam outras pessoas, Manuel Tainha desenvolve um tema interessantíssimo, suspendem, regressamos, não tarda, tudo isto é dinamismo, eu sei, evitar as longas lengalengas longas e de repente sente-se, com a presença de Margarida Lobo, que vai acontecer a de-

núncia viva de uma realidade devoradora de tudo e, se de tudo, por que não da arquitectura, e eu penso como seria bom ir com a Margarida dar uma volta por esses bairros da lata onde há muito que ver além da miséria tradicionalmente colérica. A culpa nem terá sido vossa, meus amigos, sendo porém certo que palavras houve muitas e nem sempre bem arrumadas. A culpa está em mim, que nem sequer consegui prestar a merecida atenção ao encontro com João Manuel Quiné, que foi do Grupo Cénico Caldense e depois se transplantou para Leiria e levou o teatro consigo e por lá procura enraizá-lo pois tem o teatro nas veias e nas mãos mercê dessa grande escola viva que é o teatro amador, onde *somos como os artistas do circo que têm de preparar a arena para a actuação dos outros artistas*.

A verdade é que as palavras são muitas e não nos conseguem prender, falta sempre qualquer coisa, falta sempre... a palavra exacta. Sobre a amotinação dos pides na Penitenciária, por exemplo, a cobertura da televisão foi simplesmente ridícula. Meia-dúzia de frases calmissimas, para não se dizer que. E toca a andar, que se faz tarde. Quanto aos aconte-

cimentos do Rossio, imagens nenhuma; palavras de circunstância de Sottomayor Cardia, pelo Partido Socialista, e Carlos Macedo, pelo P.P.D., e mais a informação de que o Partido Comunista Português prepara uma comunicação a propósito. Vieram de José Carlos Megre, as palavras que melhor reflectem uma inquietação: coisas destas abalam a confiança e quem é que lucra com a exploração desta desconfiança?

Não apetece falar mais. Nem da intervenção de Raul Rego a respeito de Jaime Cortesão «cidadão perfeito de duas pátrias», de Jaime Cortesão que morreu e foi a enterrar perante absoluta indiferença da RTP, de Jaime Cortesão que, nesta romagem à sua campã, mereceu apagadas imagens incluídas num Telejornal da meia-noite... Nem apetece falar da intervenção difícil de Teófilo Bento, agora nas andanças do bachão transmontano e cujos problemas visivelmente ainda não domina. Nem apetece falar da presença de Fernando Pessa na condução do Telejornal — nervoso como um principiante, nitidamente deslocado, invencivelmente pessoalista: uma decisão incompreensível se atendermos ao clima de simplicidade e sobriedade que

Por MARIO CASTRIM



COMÍCIO DO MOVIMENTO DEMOCRÁTICO

Promovido pelo Movimento Democrático de Mortágua, efect-

tuou-se ontem à noite, no Parque de Jogos do Mortágua Futebol Clube, um comício que, segundo habitantes daquela vila, foi o maior comício de sempre ali realizado.

Usaram da palavra Ciniro Afonso e Adraldino Lobo, do M.D. de Mortágua; eng.º Moreira da Silva, do Movimento Livre dos Agricultores; Carlos Freirão, António Bica e José Lopes Ribeiro, do M.D. de Viseu; e Vítor Hugo, presidente da comissão administrativa de Mortágua.

TRÂNSITO INTERROMPIDO

Para se proceder ao rebaixamento do colector, vai ser vedada ao trânsito de veículos a Rua Conde de Sabugosa, entre a Avenida dos Estados Unidos da América e a Rua dr. Gama Barros, por um período de 30 dias, a partir da próxima segunda-feira.

parecia querer instalar-se no noticiário principal. Quer-me parecer que a colaboração de Pessa pode ser útil como entrevistador, e em certo tipo de reportagens. Assim, não. Foi má jogada. Quando se anuncia a remodelação do Telejornal, estão a ver? Onde está a desorientação?

Está em mim, claro. Em mim que esqueço as palavras todas de uma televisão supinamente chata. Onde as únicas palavras vivas foram aquelas que nos vieram de Atenas. Aquelas palavras contra a N.A.T.O. «sinónimo de protectorado americano».

De Atenas, imaginem! Já a formiga tem catarro.

NOSTALGIA DA TROPA

Patrulhas da Polícia Militar e da P.S.P., empenhadas em uma acção conjunta de «represão ao jogo e à vadiagem», prenderam esta madrugada seis indivíduos, nas zonas do Bairro Alto, Martim Moniz e Intendente.

Um dos jogadores, de apelido Aldeano, envergava uma farda de fuzileiro naval, apesar de não se encontrar a cumprir o serviço militar e, num dos bolsos das calças, trazia uma pistola de pressão de ar. Ao pretender justificar-se, afirmou: **De vez em quando sinto uma certa nostalgia dos meus tempos de tropa e não resisto a vestir a farda.**

MINISTÉRIO DOS ASSUNTOS SOCIAIS

Maternidade
Dr. Alfredo da Costa
LISBOA
ANÚNCIO

CONCURSO PÚBLICO
N.º 5/74

PARA O FORNECIMENTO E MONTAGEM DE UMA MÁQUINA DE LAVAR ROUPA A VAPOR PARA A LAVANDARIA DA MATERNIDADE DR. ALFREDO DA COSTA

Faz-se público que na Maternidade Dr. Alfredo da Costa se encontra aberto o concurso público em epígrafe.

O respectivo caderno de encargos está patente nos Serviços Gerais e Económicos todos os dias úteis, excepto aos sábados, das 9 às 12 e das 14 às 17 horas.

O depósito provisório é de 7 500\$00 e deverá ser feito na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, mediante guia preenchida pelos próprios concorrentes, segundo o modelo anexo ao caderno de encargos.

As propostas, acompanhadas dos demais documentos, legalmente exigidos, serão aceites nos mesmos serviços até às 17 horas do dia 9 de Setembro próximo, realizandose a sua abertura, publicamente, às 15 horas do dia seguinte, no Anfiteatro da Maternidade.

Lisboa, 13 de Agosto de 1974.

Pelo Director
O Chefe dos Serviços Gerais e Económicos
Carlos Brandão de Almeida

sempre
fixe

20 PÁGINAS

LEIA AMANHÃ

GUINÉ-BISSAU - ANO ZERO DA INDEPENDÊNCIA

Documentação sobre os domínios político e económico da GUINÉ e CABO VERDE.

ÚLTIMAS NOTÍCIAS DE ANGOLA E MOÇAMBIQUE.

Reportagem dos acontecimentos na Penitenciária e da repressão às manifestações pela libertação das colónias.

TEATRO MONUMENTAL
TELEFONE 555133

Vasco Morgado apresenta
UM SUSEXO EM LISBOA!
O ÚLTIMO FADO EM LISBOA

com
BADARÓ
ALINA VAZ/SANDRA/DAVID SILVA
CARLOS QUEIROZ/CRISTINA CASSOLA
NUNO EMANUEL/ANA LE MATTRE

*
BALLET DE
FERNANDO REINA

Colaboração da Estrela Internacional
VIOLETA MONTENEGRO

EL AMERINDIO/BARRY BURGESS

*
o corpo sem censura de
POUPÉE LA ROSE
vedeta do Crazy Horse Salbo de Paris

*
O SHOW RUSSO DE
VAHÉ DJERRAHIAN
em
"DANÇAS E CANTARES DA URSS"

HUMOR, LINDAS MULHERES E MÚSICA NUM
SEXERCÍCIO TEATRAL!

TEXTO E ENCENAÇÃO DE BADARÓ
MÚSICA DE CORREIA MARTINS
MONTAGEM DE EDUARDO CRUZEIRO
FIGURINOS DE PINTO DE CAMPOS
DIRECÇÃO DE CENA DE SPINA

UM ATREVIMENTO ERÓTICO-MUSICAL
QUASE A ESTREAR!
(VEJA ANÚNCIO DE SABADO)

NAO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 18 ANOS

ESPECTÁCULOS

CRÍTICA DE CINEMA

LAURO ANTÔNIO

O regresso de "Blow-Up" de Antonioni, a história de um fotógrafo

Título original: **Blow-Up**
Realização: **Michael Antonioni, 1967 (Itália-Inglaterra)**
Argumento: **Michelangelo Antonioni e Tonino Guerra;**
Fotografia (Technicolor): **Carlo di Palma;**
Música: **Herbert Hanck;**
Intérpretes: **David Hemmings, Vanessa Redgrave, Sarah Miles, Verushka, etc..**
Distribuição: **Filmes Castelo Lopes;**
Classificação: **Grupo D (M. 18 anos);**
Estreia (cópia nova): **Cinema Pathé (9.8.1974)**

ACTRIZES «ESPECIALISTAS» EXPLICAM CINEMA ERÓTICO

É um dos vários artigos, em exclusivo, publicados no número de «Platéia» desta semana.

LANZAROTE e LAS PALMAS

2740.40



livros que merecem o tempo de quem os lê

FIÇÃO

a laranja mecânica

anthony burgess

o livro que inspirou o filme que verá brevemente em Lisboa

70\$00

no antigamente, na vida

joão luandino vieira

um autor, uma linguagem, uma literatura — a angolana

80\$00

luuanda

joão luandino vieira

finalmente pode ler o que antes a censura não deixava

70\$00

peça catálogo a

edições 70

av. duque de ávila, 69, r/c esq. telef. 55 68 98 — lisboa 1

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Fernando Maurício Gaspar, Rua Santa Sofia, 10-A — CRUZ-QUEBRADA

O cinema de Antonioni tem sido, sobretudo desde o **Grito**, uma tentativa de exploração do espaço interno das personagens por si escolhidas. Espaço interno que, embora condicionado e delimitado pela realidade circundante, raro abre para o exterior, construindo-se assim num espaço fechado e, nas mais das vezes, vazio. Falou-se, e não sem razão, da incomunicabilidade, da impossibilidade das relações (logo do amor, da amizade) dentro dos esquemas conhecidos de uma sociedade industrial (ou industrializada) e técnica (ou tecnicizada). O homem, cada vez mais longe das causas primeiras de uma civilização

policroma, simultaneamente aliciante e misteriosa, oscila nas suas convicções, perde o contacto com a realidade (e consigo próprio, enquanto membro dessa realidade) e aliena-se. Onde falar-se (e ainda com razão) de um tema central na obra de Antonioni: a alienação.

De **O Grito** a **O Deserto Vermelho**, Antonioni tem vindo a analisar o homem alienado no seio de uma sociedade de consumo. Mas os seus protagonistas apresentam, quase todos, sintomas mais ou menos vagos de uma tomada de consciência dessa alienação. Alienação nalguns casos assumida, mas nunca contrariada. As tentativas de superação desse estado revelam-se, em todos os casos, tímidas e receosas. A indiferença é, consequentemente, o espírito que Antonioni denuncia. Indiferença é (dizem-nos) o que se passa entre Sandra e Cláudia (**L'Aventure**) que, impotentes para resolverem a crise que os atinge, resolvem continuar: indiferença é ainda a solução de **A Noite**, onde Giovanni e Lidia adiam uma ruptura previsível: indiferença é o estado de Vittoria e Piero que atravessam **O Eclipse**; indiferença é também a não-solução de Giuliana, em **O Deserto Vermelho**. Indiferença, veremos, será ainda a opção de Thomas, neste recente **Blow-Up**.

O significado da presença do homem no mundo (significado progressivamente mais insignificante para o próprio homem) e as relações deste com a realidade que o rodeia (também ela progressivamente desconhecida) são constantes visíveis nas últimas películas de um autor cuja filmografia reflecte uma coerência interna verdadeiramente ímpar e assinalável. **Blow-Up** vem, deste modo, continuar

uma directriz, prolongar um caminho e definir intenções.

Thomas, fotógrafo jovem, moderno, dominando o universo da moda (Roland Barthes: «Assim, constata-se que o vestuário participa nessa actividade viva que consiste em dar um significado aos objectos. Em todos os tempos, o vestuário teve como objectivo a codificação. Isto leva à revisão do ponto de vista tradicional, sensato à primeira vista, que fazia o homem inventar o vestuário por três motivos: protecção às intempéries, o pudor de encobrir a nudez e adorno para se fazer notar. Tudo isto está certo. Mas é necessário acrescentar uma outra função, que me parece a mais importante: a função de significação. O homem veste-se para exercer a sua actividade significativa. Vestir um fato é um acto de profundo significado... logo um acto profundamente social instalado no coração da dialéctica das sociedades»), durante um passeio num parque de Londres capta algumas imagens, onde posteriormente vem a descobrir um assassínio. Primeiramente não se apercebe do significado das fotografias conseguidas (chega a dizer a um amigo que essas fotografias, de um par amoroso num parque, destinavam-se a terminar uma obra sua, dado o sentimento aparentemente pacífico das mesmas), mas depois, perante a insistência de uma rapariga que o visita pedindo o rolo das mesmas (que, diz, iriam comprometer ainda mais a sua vida particular), resolve interessar-se por elas, revelá-las, estudá-las, ampliá-las (donde **Blow-Up**). Conclui então que essa rapariga havia participado no assassinio de um homem, de colaboração

com um cúmplice, que se refugiava entre o arvoredo, empunhando um revólver. Prosseguindo nas investigações, estas levam-no de novo ao parque, onde ainda se encontra o corpo da vítima. De regresso a casa, encontra-a revolvida de alto a baixo, tendo desaparecido todos os vestígios do crime. No dia seguinte, o próprio cadáver deixa de existir. Um grupo de rapazes e raparigas (habitantes de Carnaby Street, de rostos pintados e fatos exóticos) improvisam uma partida de ténis, sem bola. Uma jogada mais violenta leva a bola até aos seus pés. Todos o olham. Thomas apanha a bola e reenvia-a para o jogo. Num campo verde de relva a câmara afasta-se lentamente de um homem que ocupa o centro da imagem...

Este fio de intriga vagamente policial é a base sobre que assenta a obra de Antonioni. O essencial continuará a ser, todavia, as relações do indivíduo com a realidade, a luta pela significação de uma presença humana num mundo desabitado (ou aparentemente habitado) de que o homem colhe informes dispersos, desregrados, esbatidos, insignificantes.

Neste aspecto, **Blow-Up** vai ligar-se coerentemente com o final de **O Eclipse**, constituído por uma série de planos desintegrados de uma realidade que se perde. **Blow-Up** regressa a esse desequilíbrio entre o homem, a sociedade e o mundo que habitam. Estas anotações tornam-se flagrantes no caso da fotografia ampliada, onde um amontoado de sinais negros e brancos aguçam a curiosidade de Thomas, levando-o a tentar ordenar esse sistema, procurando averiguar, no seu íntimo, quais as relações existentes e as causas possíveis. Esta fotografia, uma verdade bidimensional irrefutável, só assume o seu completo significado depois de interpretada. O mesmo acontece na pintura pontiforme de Bill, um artista com quem Thomas conversa sobre o significado da sua arte. Para ele, também os seus quadros só adquirem a completa significação tempos depois de concluídos e repensados. Em **Blow-Up**, Antonioni vai repensar ele próprio o cinema (que é uma sucessão de fotografias, projectadas a uma cadência determinada, mantendo entre si significações intrínsecas e de relação, ou seja, **montagem**). André Bazin afirmara, sobre a fotografia e o cinema: «A originalidade da fotografia em relação com a pintura reside na sua objectividade essencial. Assim, um grupo de lentes que constituem o olho fotográfico, que substitui o olho humano, chama-se precisamente **objectiva**. Pela primeira vez se forma uma imagem do mundo exterior sem intervenção criadora do homem, segundo um determinismo rigoroso... O cinema surge como um prolongamento no tempo da objectividade fotográfica...»

Blow-Up medita ainda a técnica e a sua função. A máquina fotográfica para Thomas transformou-se no prolongamento da sua própria mão. O aparelho admite, contudo, uma utilização dupla: a captação de uma objectividade superficial (reconhecida aparente e incompleta) e uma possibilidade de

estruturação da realidade que lhe permitirá chegar até ao conhecimento do crime. De um lado a cristalização objectivamente, de um outro o romper dessa falsa objectividade, numa tentativa de atingir uma realidade que constantemente se nega e afirma (caso flagrante: a conversa de Thomas com Jane sobre a sua vida, a mulher, os filhos, o casamento).

Nesta civilização, onde os elementos dispersos se oferecem ao olhar vertiginoso do homem moderno, impossibilitando-o de uma análise detalhada e profunda, bem assim como de qualquer tentativa de organização do conhecimento, Thomas pretende aprofundar, afirmando-se a si próprio perante um caos.

Move-o uma atitude, quase diríamos de desportivismo (tal como quando luta por um cabo de uma guitarra eléctrica, que não quer para nada, e logo deixa no passeio). Apanhado numa engrenagem, responde. De posse da solução do crime, Thomas encontra-se perante a indiferença, sente-se momentaneamente desorientado e confuso, mas na partida de ténis final ele voltará a entrar no jogo das aparências, no mundo onde as ilusões sufocam as realidades.

Muitos outros prolongamentos se anunciam em **Blow-Up**: o saudosismo do exótico e das terras longínquas, expresso por algumas figuras (uma jovem antiquária que diz partir para o Nepal ou Marrocos) ou pelas próprias imagens: os negros e os orientais que atravessam as ruas; a constante erótica que perpassa por toda a película, relacionando-se com a impotência de as figuras penetrarem a realidade, fecundando-a (Thomas intervém sexualmente quando se começa a interessar pelo **caso policial**); a posição de Antonioni perante a Inglaterra de hoje, nomeadamente perante a sua juventude, posição que não deixa de reflectir um certo tom turístico (ou de incompreensão) que só é desculpável, porque não funciona na arquitectura geral da obra como elemento essencial, mas puramente accidental, etc..

Em confronto com os filmes anteriores, **Blow-Up** documenta uma abertura para a realidade. O espaço interno de Thomas (continuando a sua aventura a ser o centro da investigação de Antonioni) abre para uma interrogação externa, coloca-se frente ao mundo, reage-lhe. No sistema das interpenetrações indivíduo-realidade, uma nova posição se assume: o esforço de interpretação do real. Thomas malogra os seus intentos: de qualquer forma a tentativa fica. **Blow-Up** pode abrir caminho a uma nova via na filmografia de Antonioni. Uma via onde o homem, **situando-se** no mundo, o procure transformar, ultrapassando o estado alienatório de uma civilização técnica ainda não assimilada.

Pela qualidade da fotografia e pela utilização do som, Antonioni faz a sua obra participar da civilização em que ela se inscreve. Os intérpretes (David Hemmings, Vanessa Redgrave, Sarah Miles, Verushka) integram-se na significação deste filme, onde os próprios homens se objectivam (os modelos de moda).

1 SEMANA EM
ROMA

PARTIDAS:
TODAS AS QUINTAS-FEIRAS
Agosto 8, 15, 22 e 29
Setembro 5 e 12
Preços
excepcionais
desde *
3.920\$

INCLUINDO:
● Viagem em avião a jacto CARAVELLE
● Estadia no Hotel
● Transportes em terra
● Visita turística de Roma
● Taxas hoteleiras
● Acompanhante **abreu**

* a vantagem dos voos especiais
ORGANIZACAO EXCLUSIVA

abreu
fundada em 1840

LISBOA: Av. da Liberdade, 160 • Telef. 32 00 21
PORTO: Av. dos Aliados, 207 • Telef. 379 21
COMBRA: Rua da Sota, 2 • Telef. 270 11/2

CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

LONDRES
TODAS AS SEGUNDAS-FEIRAS DE ABRIL A OUTUBRO
UMA SEMANA DESDE 2.850\$00!
TELE: 58122 2815 58741 58674 58675 LISBOA

Teatro
Maria
Matos

A R. T. P. apresenta

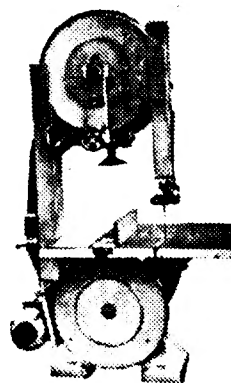
«PORTUGUÊS,
ESCRITOR, 45 ANOS
DE IDADE»

de Bernardo Santareno
Todos os dias
às 21.45 horas
Domingos, amatinhões
às 16 horas

Segundas-feiras
descanso da Companhia
AR CONDICIONADO
Bilhetes à venda
Telef. 71 70 17

Interdito a menores
de 13 anos

«MIDA»



SERRA DE FITA
MOD. SF-70-80-90

Fábrica: TROFA (Tel. 94923/4/5)

FILIAL EM LISBOA:

AV. DEFENSORES DE CHAVES, 3/A (TELEF. 44147)

UMA FÁBRICA
ALTAMENTE
ESPECIALIZADA
NO FABRICO
DE MAQUINAS
PARA AS
INDUSTRIAS
DE:

● SERRAÇÃO
● CARPINTARIA
● MARCENARIA

A VENDA MAIS



UM NÚMERO
DE

motor

ESPECTÁCULOS

«NOITE DE GUERRA NO MUSEU DO PRADO», de Rafael Alberti. Tradução e Encenação: Mário Barradas. Música: Carlos Paredes. Sonoplastia: Jorge Mendes. Dispositivo Cénico e Guarda-roupa: Os Bonecreiros. Montagem: José Gomes. Iluminação: José Peixoto e Mário Jacques. Intérpretes: Mário Barradas, Fernando Barreira, José Gomes, Luís Alberto, Mário Jacques, Inês Palma, Maria Emília Correia, José Peixoto, Ângela Ribeiro, Fernanda Alves. Grupo Os Bonecreiros. Sociedade Nacional de Belas Artes 12/8/74.

Madrid, 1936

«Madrid é o coração. Aos generais rebeldes, Franco, Mola, Queipo de Llano, Varela, Yague, à Falange, à Igreja, falta Madrid. O general Mola prepara o assalto final: quatro colunas ao mesmo tempo devem entrar em Madrid. A cidade não tem viveres, nem fortificações, nem defesa. O governo republicano abandona a capital.

Grita-se nas ruas: «Viva Madrid sem governo! Todos os homens para a frente! No pasaran!»

Homens, mulheres, crianças amontoam pedras e abrem trincheiras. É constituída uma junta de defesa; a maior parte dos seus membros não tem trinta anos.

Todos os cinemas da cidade passam «O couraçado Potemkin» e «Os marinheiros de Cronstadt».

O XI e a XII Brigada Internacional, as primeiras, chegam à frente de Madrid. Perguntam ao general Mola: «Qual das colunas conquistará a cidade?» Mola responde: «A que está lá dentro: a quinta!»

Toda a gente espera...

Rádio-Madrid difunde: «É aqui, em Madrid, que se encontra a fronteira que separa a liberdade da escravidão. É aqui, em Madrid, que duas civilizações se defrontam: o amor contra o ódio, a paz contra a guerra, a fraternidade de Cristo contra a tirania da Igreja. Madrid bate-se pela Espanha, pela Humanidade, pela Justiça, e, sob a capa do seu sangue, abriga todos os seres humanos. MADRID! MADRID! MADRID!»

O Mundo inteiro espera a queda de Madrid.

«Madrid não é mais do que uma mão crispada que aperta uma espingarda» (...)

O Museu do Prado abriga algumas das maravilhas do Mundo. Obras de Goya, de Velasquez, de Rubens, de Ticiano, de muitos outros, constituem um testemunho da história, da cultura, da arte espanhola que não pode ser destruído. Enquanto os canhões troam e os homens combatem, um punhado de espanhóis, homens e mulheres do povo, procuram pôr a salvo essas obras.

Foi esse episódio espantoso da guerra civil espanhola que

o grande poeta e resistente antifascista Rafael Alberti fixou para sempre no que é certamente a sua melhor peça: «Noite de Guerra no Museu do Prado». A partir dessa realidade histórica que é constituída pelo salvamento dos quadros do Prado, Alberti mergulha na realidade mais vasta do seu país: servindo-se da memória do teatro, transfere o tempo da guerra civil para o das invasões napoleónicas. O povo de Madrid-36 transluda-se no povo de Goya, no fuzileiros do 2 de Maio de 1808. Contudo, o projecto dramático de Alberti visa ainda mais longe: através dessa passagem no tempo de personagens e de situações, o dramaturgo alveja as causas da tirania que vem a culminar no terror fascista — na Guernica, em Barcelona, em Madrid, Lorca fuzilado em Granada, Miguel Hernández preso na fronteira portuguesa e morto nas masmorras, 1 milhão de mortos, 500 mil exilados. É a cômte espanhola — encarnada por Carlos IV e pelo seu favorito Godoy — que Alberti acusa com a virulência do poeta que sofreu na própria carne a ignomínia da tirania. «Noite de Guerra no Museu do Prado» transforma-se assim num imenso fresco no qual a realidade espanhola surge nas figuras dos seus heróis e nas figuras dos seus criminosos (tal como foram vistos pelos seus pintores).

A peça de Alberti situa-se pois a três níveis: o das personagens populares de 36 que se transformam nas personagens populares das pinturas de Goya, prolongando-se no mesmo combate pela liberdade. Franco, Napoleão, Carlos IV, Godoy, e outras personagens históricas são o seu contraponto. O povo caiu em 39. Na última cena, vemos que se trata de uma derrota provisória, como todas as derrotas do povo. Com a Internacional na garganta, o povo ressurgirá.

Os Bonecreiros escolheram um texto muito belo mas muito difícil (Brecht estudava a sua encenação quando morreu). Para o montar, o grupo teve que alargar o seu pequeno mas homogéneo núcleo de actores, ao qual ficamos a dever dois dos maiores espectáculos do tempo do fascismo: «A Comédia Moscheta» e «A Grande Inprecação diante da Muralha da Cidade». Naturalmente, o espectáculo ressentia-se desse facto, e não

apresenta o mesmo rigor, a mesma perfeição dos anteriores. Acresce a isto, o facto da peça de Alberti se apresentar dramaticamente desequilibrada, com cenas longas que enfraquecem a sua estrutura, perdendo-se, por vezes, o que nela deveria ser primordial, ou seja, a presença constante dos vários tempos que se repercutem. Esse achado admirável que consistiu em pôr as próprias personagens das pinturas do Prado a reproduzir o real, acaba por assumir, por isso, formal, como se o dramaturgo nela se comprazesse. Nem me parece que tenha resultado a solução da projecção de «slides» que representam os quadros citados por Alberti na medida em que os gestos mimados da sua retiração não são

convincentes. Por último, os gritos que os actores soltam, colectivamente, nem sempre resultam porque em teatro os gritos ou nos agarram ou empobrecem a representação — o que aqui se deu por vezes.

As reservas feitas têm por objectivo vincar as dificuldades de um texto que implica um grande domínio técnico, e o nível de um espectáculo que resistiu e por vezes superou essas dificuldades, conseguindo o prodígio de ser uma criação à altura do texto, embora possivelmente sem esgotar as suas potencialidades dramáticas e políticas. O que acaba, afinal, por ser mais surpreendente neste novo trabalho dos Bonecreiros é a força do conjunto, no qual as estrelas não se distinguem dos segundos planos. In-

terpretando personagens que se desdobram, vivendo cenas marcadas pelo carácter esperpéntico que caracteriza o melhor teatro espanhol (é o caso de Valle Inclán), tão afastado do nosso, estes actores conseguiram, pois, um segundo prodígio: o de dar força, plasticidade, carácter, às figuras admiráveis de Alberti. Fernanda Alves, Mário Jacques, Maria Emília Correia, (atriz que não tem sido devidamente aproveitada), José Gomes, Inês Palma, Luís Alberto, Fernando Barreira, Ângela Ribeiro, e duas revelações, José Peixoto e Mário Barradas que não se limitou a orientar os trabalhos de dramaturgia e de encenação e saltou para o palco, integrando-se sem falhas no ritmo do espectáculo.

Uma palavra para sublinhar

os cuidados de uma montagem relativamente complexa como esta: tanto a luz como o som contribuem para conferir a esta versão portuguesa da «Noite de Guerra no Museu do Prado» a qualidade de apresentar. Uma outra para o trabalho de Carlos Paredes.

Perante cada novo espectáculo do teatro português e perante cada novo espectáculo de um grupo como este, não pode deixar de se pôr uma interrogação que diz respeito às possibilidades de chegar junto do público que não foi nunca, nem irá tão cedo, a lugares como a S.N.B.A.. Apesar do que há na peça de intencionalmente político, não me parece que no actual estágio da sociedade portuguesa seja este o texto mais indicado. No entanto, só o contacto do espectáculo com plateias populares poderá servir de garantia a um juízo desta ordem.

CARLOS PORTO

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

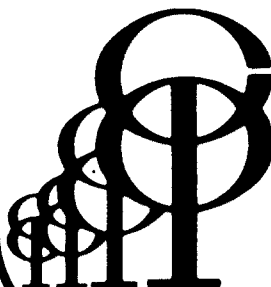
8,5%

Para depósitos a prazo a mais de um ano

Para depósitos à ordem

3% Até 50 contos 1% Para mais de 50 contos

(A particulares ou a entidades que não sejam sociedades)



SEDE — LISBOA — Rua Augusta, 237

DELEGAÇÃO — PORTO — Praça Almeida Garrett, 33

DEPENDÊNCIAS — LISBOA — Av. Miguel Bombarda, 56-C

Rua Braamcamp, 52

Calçada D. Gastão, 31-B. (Xabregas)

AGÊNCIAS — MONTALEGRE — Rua direita — GONDOMAR — Rua Dr. Oliveira Salazar, 202

CAPOES DE BRANDÃO — Lugar da Póvoa — ESTARREJA — Largo Heróis Combatentes, 10

COIMBRA — Rua Ferreira Borges, 20 — FUNDÃO — Avenida Salazar — ESTORIL — Avenida Marginal

AVIS — Rua das Amoreiras, 47 — LAGOA — Rua 16 de Janeiro, 6 (Algarve)

Já conhece o "buffet" Girassol?

Escolha o seu almoço ou jantar entre os frios, quentes, patés e saladas preparadas pelo "Chefe" Oliveira. Solução ideal para os "solteiros de Verão". Com um preço que é uma agradável surpresa...



HOTEL ALTIS

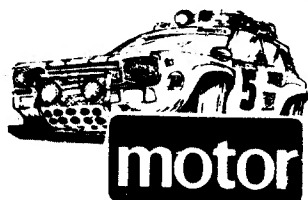
Rua Castilho, 11
Telefs. 560071/562491 - Lisboa 1

NACIONAL

COMÍCIOS DO P.C.

O Partido Comunista Português tem em funcionamento novos centros de trabalho nas seguintes localidades: Cuba, Rua do Carmo, 44; Alvito, Largo do Castelo, e Castelo Branco, Praça Rei D. Carlos, 23-1.º.

Entretanto, o P. C. P. leva a efeito no dia 17 comícios em Santiago de Cacém, pelas 21 e 30, Montijo, à mesma hora, no ringue de patinagem da Parede, às 21 horas e em Odeceixe, às 18 horas. No dia 18, domingo, efectua-se um comício em S. Bartolomeu de Messines, às 18 horas.



CHIADO TERRASSE

ONDE VAI O TEMPO DO CARIMBO NA MÃO DOS CINÉFILOS?

O Chiado Terrasse vai desaparecer. Em seu lugar mais um banco. Daqueles climatizados, super-eficientes, com letras avulsas e travel-cheques. São coisas do progresso. Da sociedade de consumo: Destroí-se a fisionomia da cidade. E compra-se um ilusório conforto. A crédito.

Já há três anos que o Chiado Terrasse se tinha tornado num casarão abandonado. Desapareceram as bichas à porta para as sessões das três com muita murraça e tiros ao desbarato.

Aquelas fitas que faziam vibrar a rapaziada do Bairro Alto ou outros eventuais apreciadores do «western». No entanto o Chiado Terrasse não era bem um especialista na passagem desse género de fitas. Havia outros, para bem dizer, mais cas-

tiços. Onde corriam as películas de capa espada, **cowboyadas** e os filmes do Zorro, o homem da mascarilha. «Em trinta e uma partes o Olimpia apresenta: «A Vingança do Zorro». Lembra-se ainda?

Na altura em que nasceu o Chiado Terrasse, em 1905 (um ano depois da fundação do Salão Ideal) ainda se utilizava um sistema prático na licença de entradas. Um carimbo na mão dos cinéfilos — e pronto. Podia-se ver no «écran» os rostos de Francesca Bertini, do Douglas Fairbanks, da Paola Negri, da Clara Boy, do Ramon Novarro, etc. As vedetas da época. Em 1928 exibiam-se comédias «de cordel» no Chiado Terrasse. Uma temporada preenchida com fitas como «O Groom do Ma-

xim», «Um Homem de Expediente» e o «Herói da Velocidade». Mais tarde a sala da Rua António Maria Cardoso passa a ser um cinema de «reprise».

Os últimos preços praticados pela empresa proprietária do Chiado Terrasse, uma família judia, ainda figuram numa tabela manchada pelo pó das obras. Os bilhetes mais caros custavam 9 escudos e os mais baratos seis.

Em leilão foi vendido o recheio daquela sala de espectáculos. E os banqueiros compraram o edifício por 35 mil contos. Dizem que a fachada exterior será mantida tal qual como estava desde o restauro sofrido nos anos 30.

Agora após a imolação do Chiado Terrasse que mais irá suceder ao panorama do velho Chiado?



Feiras no Estrangeiro



NOVAS NORMAS DE APOIO ÀS PARTICIPAÇÕES INDIVIDUAIS

A todas as empresas exportadoras, independentemente da natureza dos produtos:

50% de comparticipação em

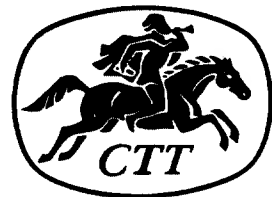
- aluguer do espaço
- construção, decoração, montagem e desmontagem do stand
- transporte, despacho e seguro dos mostruários
- viagem e estadia de um representante da empresa.



Informe-se já! Obtenha pormenores na Direcção dos Serviços de Feiras e Exposições

FUNDO DE FOMENTO DE EXPORTAÇÃO

Av. 5 de Outubro, 101-A - Lisboa - Telfs. 777772-777768



SERVIÇO TELEFÓNICO INTERURBANO AUTOMÁTICO

ACESSO A BRAGANÇA

OS CTT INFORMAM

Os assinantes de LISBOA TLP e PORTO TLP e dos grupos de redes de: ARGANIL, AVEIRO, BRAGA, CALDAS DA RAINHA, CASTELO BRANCO, COIMBRA, CHAVES, COVILHÃ, FIGUEIRA DA FOZ, FUNCHAL, GUARDA, IDA-NHA-A-NOVA, MEALHADA, PENAFIEL, PESO DA RÉGUA, POMBAL, S. JOÃO DA MADEIRA, SANTIAGO DO CACÉM, SEIA, SETÚBAL, TORRES VEDRAS, VALENÇA, VIANA DO CASTELO, VILA FRANCA DE XIRA, VILA NOVA DE FAMALICÃO, VILA REAL e VISEU, com acesso ao serviço telefónico interurbano automático, passam a obter directamente os telefones automáticos das redes de FRANÇA, REBORDAÇOS, ESPINHOSELA e QUINTANILHA, marcando o seguinte indicativo:

DE LISBOA TLP e PORTO TLP 0092
DAS RESTANTES LOCALIDADES 092

Para atingir a rede manual de BRAGANÇA deve marcar-se:

DE LISBOA TLP e PORTO TLP 00923
DAS RESTANTES LOCALIDADES 0923

e pedir em seguida à telefonista o número do telefone desejado.

GERAL

O PÚBLICO DE SACAVÉM DEFENDE-SE DO OPORTUNISMO DOS VENDEDORES DE PEIXE

Depois do público consumidor de Sacavém se ter manifestado contra os preços abusivos praticados pelos vendedores de peixe, estes enfurecidos tentaram assaltar a sede da Junta de Freguesia daquela localidade.

Na origem deste acto está o desespero dos comerciantes de peixe que foram obrigados pela fiscalização a fazer uma substancial redução nos preços. Assim o carapau negro passou de 35\$00 para 19\$00; o pargo congelado baixou de 35\$00 para 19\$80 e a sardinha de 30\$00 para 18\$00. No entanto depois dos fiscais terem partido tudo continuou na mesma: os preços subiram novamente.

Perante a indignação do público a Junta de

Freguesia de Sacavém decidiu, como mandataria da população, exercer uma fiscalização rigorosa sobre as tabelas, colaborando com os funcionários da Inspeção Geral das Actividades

Económicas.

Foi ainda aprovada, numa reunião da Junta de Freguesia, uma moção de confiança aos seus dirigentes e exigido o saneamento de um sargento da G.N.R.

"Europa literária e artística"

A partir de 15 de Novembro próximo, começa a publicar-se a revista «A Europa Literária e Artística», de cujo comité directivo o nosso camarada Urbano Tavares Rodrigues foi um dos membros.

Profundamente actualizada, «A Europa» será editada na Suíça (Edições Elvética, Corso San Gottardo, 54, Chiasso).

Uma nota chegada à nossa Redacção afirma que a revista «está à disposição dos amigos e escritores portugueses».

Descoberta de um novo produto solar Descoberta de um novo mecanismo de acção Descoberta de uma nova protecção EVERISUN com Guanina

COMO SE PRODUZ A QUEIMADURA SOLAR?

Quando os raios solares incidem na epiderme desencadeiam um processo biológico complexo. Partículas ínfimas dissociam-se das células da pele, que são assim danificadas. É então que se produz a queimadura solar. Não só é dolorosa, como também é nociva à pele, pois acelera o seu envelhecimento.

QUAL A FUNÇÃO DE UM PRODUTO SOLAR?

A mais importante função é a protecção da pele contra a queimadura solar. No entanto deve também provocar a pigmentação. As peles não bronzeadas ou muito sensíveis necessitam de uma protecção eficaz de forma a que elas possam bronzear sem problemas. As peles já bronzeadas ou aquelas que são naturalmente morenas necessitam uma protecção média de forma a adquirirem um bronzeado ainda mais acentuado. Simultaneamente um produto de protecção solar deve conservar a humidade natural da pele.

EVERISUN - UMA NOVA FORMA DE PROTECÇÃO.

EVERISUN - protege segundo um princípio novo de acção: A sua substância activa biológica, a GUANINA*, penetra na pele e forma como que um escudo protector dos raios Ultra-Violeta.

tas, nocivos. EVERISUN protege assim da queimadura solar, aí onde o Sol actua: na pele. Além da GUANINA* EVERISUN contém d-Panthenol que intensifica o bronzeamento e ajuda a manter a humidade natural da pele.

COMO PODERÁ VOCÊ PRÓPRIO CONTROLAR O ÍNDICE DE PROTECÇÃO.

Como cada pele reage ao Sol de uma forma diversa e como a intensidade do Sol e a duração de exposição aos seus raios varia, também você mesmo poderá definir a protecção de que necessita. Por esta razão se fabrica EVERISUN não só em leites e cremes solares, como também em quatro índices de protecção: 2, 3, 5 e 7. Quanto mais elevado for o índice maior será a protecção.

EVERISUN FAZ DOS BANHOS SOLARES UM PRAZER PARA TODOS.

As pessoas que até aqui não se arriscavam a uma exposição ao Sol podem agora deliciar-se com ela usando os índices de protecção EVERISUN 7 ou 5. Para milhares de pessoas, portanto, a exposição ao Sol será um prazer permitido neste Verão.

* Os produtos de protecção solar contendo GUANINA são uma patente de F. HOFFMANN - LA ROCHE & CO. LTD.



Os outros estudaram o Sol. Nós estudámos a Pele

EVERISUN

Dist: PANGITER

Um produto PANTENE S.A.

Férias Johnson*



Compre o seu motor
e o seu barco na
NÁUTICA BELLO & FILHO,
Travessa da Praça 4
BELEM

* Informe-se das nossas
condições de pagamento



No céu de Lisboa, a novidade dos trópicos!

Dê um pulo ao "Panorama" do Sheraton. Com Lisboa a seus pés, lá lhe serão servidas as raras e aromáticas cores dos trópicos! Peça um dos "Tropical drinks". Verá que é uma festa!

Reservas: Telef. Lisboa - 56 39 11



Lisboa-Sheraton Hotel

SHERATON LISBOA - Rua Latino Coelho, 1 - Telef. 563911 41 51
UM SERVIÇO MUNDIAL DA ITT

TEAM 74 SL 11

NACIONAL

A INTERSINDICAL DENUNCIA

Illegalidades patronais na indústria do papel

Uma sensação de profundo mal-estar, originada por constantes ilegalidades de actuação de entidades patronais, alastra na indústria do papel. A denúncia é da Intersindical e consta do seguinte comunicado:

«1 — Vencidas todas as dificuldades levantadas até à celebração de um acordo entre as entidades patronais e os representantes dos trabalhadores, verifica-se que algumas empresas não cumprem o estabelecido.

2 — Outras empresas não pagam o salário mínimo, aproveitando-se da pouca consciência de classe de alguns trabalhadores que empregam, levando-os a assinar os recibos com aquela importância.

3 — Alegam ainda, para cometer estas ilegalidades, dificuldades financeiras, desculpando-se com faltas de vendas, falta de crédito bancário e falta de matéria-prima.

4 — Os trabalhadores do sector sentem-se consequentemente ludibriados e pouco dispostos a aceitar tal situação por muito mais tempo, esperando que as negociações a iniciar em Outubro venham trazer os benefícios a que têm direito.

Perante esta situação, o Secretariado da Intersindical alerta uma vez mais os trabalhadores para as manobras da reacção e do grande capital, que procuram dividi-los e confundir-los para continuarem a reinar.

Há que estarmos atentos, combater firme e decididamente todas as manobras e oportunos terminantemente a que continuemos a pagar para um estado de coisas de que não fomos culpados mas somos vítimas. É tempo de os trabalhadores começarem a receber uma maior parcela da riqueza que produzem.

O Secretariado da Intersindical chama também a atenção do Governo Provisório para a necessidade de legislar rapidamente de modo a garantir aos trabalhadores melhores condições de vida e de trabalho».

DESPEDIMENTO DE DELEGADOS

Uma informação também proveniente da Intersindical dá conta de outro atropelo à expectativa dos trabalhadores neste caso ao nível sindical: dois delegados foram despedidos pela entidade patronal. Eis o texto do documento:

«Os patrões da Cerâmica Vale de Murta, sita em Vale de Murta, acabam de despedir dois delegados sindicais, encontrando-se o terceiro já ameaçado.

Os trabalhadores despedidos referem que o motivo do seu despedimento se deve unicamente ao facto de serem delegados sindicais.

Se esta é a democracia que convém aos patrões da fábrica, não é, certamente a que interessa aos trabalhadores. Só a luta solidária de todos os trabalhadores pela reintegração dos seus camaradas porá cobro às atitudes reaccionárias do patronato.»

PROBLEMA EM VIEIRA DE LEIRIA

LEIRIA, 16 — A Fábrica Duarte Feteira, de Vieira de Leiria, continua a ser cenário de uma grave paralização de trabalho: como a entidade patronal não cede no seu propósito de «esquecer» o contrato colectivo de trabalho, os trabalhadores encontram-se inactivos há cerca de dois meses. Têm resultado vãos, até aqui, os esforços desenvolvidos pelo Sindicato dos Operários Metalúrgicos e Ofícios Correlativos deste distrito.

Numa recente reunião um informador da administração garantiu que ela não pagaria segundo as novas tabelas salariais e, mais só lhe restava a falência. Por seu turno os trabalhadores haviam cedido parcialmente e proposto uma plataforma em que davam à empresa plenas facilidades, até 31 de Dezembro, para cumprir o contrato colectivo, prescindindo ainda de metade do período de férias, que enquadravam generosamente no tempo de paralização.

Desenhadores satíricos de Paris

Neste fim de temporada, foi inaugurada na Galeria Opinião uma exposição que integra oito desenhadores satíricos de Paris, e que está aberta ao público todos os dias, até ao fim do corrente mês. Com um total de cerca de 40 trabalhadores, estão representados, na mostra os artis-

tas franceses Siné, Barde, Cardon, Kerkeleroux, Mose, Nicoulaud e Soulas, e o português Vasco.

Do humor anárquico de Siné, artista com um estilo marcadamente gráfico e ilustrativo (que por vezes faz lembrar Steinberg) à poesia surrealizante de Cardon, cujo traço difícil revela uma subtil ciência de equilíbrios luz-sombra, a exposição revela-nos uma série de artistas bem pouco conhecidos entre nós (à excepção de Siné), e que interessa ver. Sobre os trabalhos expostos, marcados por um diálogo interveniente, onde a imaginação e a observação desempenham papel importante, falaremos mais detalhadamente em próxima edição.

QUINZENÁRIO «UNIDADE»

A fim de ser reestruturado, foi suspenso por algumas semanas o jornal «Unidade», quinzenário de problemas políticos. Esta decisão foi tomada em face do grande acolhimento obtido junto do público, que ultrapassou as previsões dos seus fundadores

Curso de Ciências Empresariais na Universidade Católica

Iniciam-se no próximo dia 17 de Setembro as provas de admissão ao primeiro ano do curso de Ciências Empresariais da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa.

Serão admitidos a estas provas os candidatos que tiverem concluído o curso complementar liceal, ou que tiverem habilitações oficialmente consideradas equivalentes, para efeitos de acesso ao ensino universitário.

As provas de admissão consistem da apreciação do currículo do candidato, de provas de cultura geral, de matemática e de aptidão psicológica e orientação vocacional.

São dispensados da prestação de provas de matemática os candidatos que tiverem obtido aprovação em disciplina universitária de matemática.

As inscrições para as provas de aptidão devem realizar-se de 19 de Agosto a 13 de Setembro, na secretaria da Universidade.

As inscrições podem fazer-se também pelo correio, devendo a documentação de inscrição (currículo, certidões, etc) ser remetida sob registo de modo a dar entrada na secretaria até ao dia 13 de Setembro.

Tendo em conta os recursos humanos e materiais disponíveis e o objectivo de uma sólida formação humana e profissional para a gestão de empresas, foi fixado, em princípio, o número máximo de 60 alunos para admissão no ano lectivo de 1974-75.

O ensino é presencial, não havendo por isso a categoria de alunos voluntários. O curso de Ciências Empresariais, confere o grau de licenciatura em Ciências Empresariais, nos termos do Decreto-Lei n.º 307/71 de 15 de Julho.

A Faculdade de Ciências Humanas atribui aos alunos que de tal careçam certo número de

VITOR ALVES NÃO VAI VIAJAR

O major Vitor Alves, ministro sem pasta, não tem quaisquer planos para, de momento, se ausentar do País — disse-nos hoje um informador do seu gabinete, retirando assim crédito à notícia de «O Século» sobre a ida daquele membro do Governo, já amanhã, aos Estados Unidos.

O nosso prezado colega matutino dava o major Vitor Alves como apertando-se para voar até Nova Iorque, onde estabelecerá contactos com o Banco Mundial e Fundo Monetário Internacional.

«Desconhecemos onde o jornal foi buscar essa hipótese» — acrescentou o informador. — «O sr. ministro não tem qualquer missão que o obrigue agora a sair de Lisboa.»

bolsas de estudos que abrangem isenção de propinas e um subsídio pecuniário bem como outras formas de benefícios sociais.

São prestadas mais informações sobre o curso e as pro-

vas de admissão na secretaria da Universidade Católica Portuguesa, Palma de Cima, Lisboa, telefones: 783100 e 782844 das 9 às 13 horas e das 14 às 17.

VOLTA

ANTÓNIO CASTRO (AMBAR) GANHOU DESTACADO NA MEALHADA

Os 47 corredores em prova partiram esta manhã de Seia para a Mealhada a fim de cobrirem o percurso de 96 quilómetros correspondente à 20.ª etapa da Volta a Portugal em Bicicleta. A partida foi dada às 9 horas na vila serrana.

A etapa foi animada pela fu-

ga de António Castro que conseguiu um largo avanço sobre o pelotão e ganhou destacado na Mealhada.

O fugitivo tinha um substancial atraso do camisola amarela e por isso não causou grandes preocupações ao pelotão.

ANCÁ REGALA ACUSADO DE INJÚRIAS À POLÍCIA MILITAR

Ancá Regala, simpatizante do M.R.P.P., foi preso esta madrugada, no Parque Mayer, sob a acusação de ter proferido «palavras injuriosas à Polícia Militar».

As injúrias, cujos termos não se encontram especificados no

auto de acusação presente no Governo Civil, teriam sido dirigidas a elementos da P.M. em serviço de patrulha naquela zona.

Ancá Regala tinha sido afastado, em Maio, dos Serviços de Notícias da Emissora Nacional, sob alegação de «tendenciosismo na elaboração de certas notícias».

LOTARIA DE HOJE

NUMEROS PREMIADOS EM CADA SÉRIE

11.006 ... 3.150.000\$00
37.082 ... 350.000\$00
4.177 ... 175.000\$00

APROXIMAÇÕES AOS 1.ºS PREMIOS

11.005 ... 13.335\$00
11.007 ... 13.335\$00

PRÉMIOS DE 14 CONTOS

1.112; 1.237; 1.599; 2.210; 7.136; 8.750; 11.125; 11.699; 11.937; 14.696; 16.009; 20.588; 25.714; 26.064; 28.051; 30.359; 31.900; 32.891; 40.323; 41.643; 42.583; 43.124; 43.561; 43.673; 45.680; 48.067; 48.545.

PRÉMIOS DE 280\$00 (CENTENAS)

4.101 a 4.200; 11.001 a 11.100 e 37.001 a 37.100

PRÉMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

Todos os números cujos três algarismos finais sejam 736 são contemplados com 770\$00 nos bilhetes de cada uma das duas séries da emissão e os terminados em 042, 098, 370, 888 ou 938 são premiados com 560\$00. Por sua vez, os números cujos dois algarismos finais sejam 49, 53 ou 57, dão direito a 350\$00, de prémio. Os restantes números cujo último algarismo — terminação — seja 6 dão direito ao prémio de 210\$00, também em cada bilhete das duas séries.

Esta informação não dispensa a consulta da lista oficial.

Os 6.300 contos das 2 Sortes Grandes e os 350 contos dos 2 terceiros prémios foram distribuídos aos balcões da CASA DA SORTE.

A E.P.I. E O 25 DE ABRIL

Para a história do 25 de Abril deverão ficar, sem dúvida, algumas das palavras pronunciadas em Mafra, na última quarta-feira, durante as cerimónias comemorativas do Dia da Infância, arma cuja Escola Prática se encontra ali aquartelada. Porque revela factos geralmente desconhecidos e que interessa deixar registados, aqui fica um excerto do discurso pronunciado pelo capitão Martins Rodrigues:

«Foi no 25 de Abril, e nos dias que o antecederam, que o infante mostrou do que é capaz de fazer pelo povo a que pertence. De facto, infantes estiveram em todas as reuniões de onde saiu o plano para o 25 de Abril e não foram nunca dos menos activos e entusiastas.

A Infância e a sua Escola Prática foram além do que seria de esperar, porquanto já na tarde de 24 de Abril, muito antes de se acender a luz verde que desencadeou as acções, que se encontravam no campo em exercícios finais, de modo que à hora

prevista elas pudessem marchar sobre o objectivo determinado.

De tal modo esta Escola estava empenhada na acção que, se qualquer imprevisto impedisse o desenrolar do plano já estabelecido, a situação seria irreversível para nós, desde as 16 horas do dia 24 de Abril.

Mas nós sabíamos o que queríamos, sabíamos e tínhamos consciência da vontade que nos norteava e não recuávamos.

Assim, na madrugada de 25 de Abril tomámos o objectivo que nos coube e cumprimos todas as missões que nos foram dadas, onde se salienta a rendição em Monsanto dos três mais importantes chefes militares do antigo regime — os ex-ministros da Defesa, do Exército e da Marinha. (...)

Para que se possa fazer uma ideia do contributo desta unidade para o 25 de Abril, basta dizer que a Escola Prática de Infância teve quatro companhias de atiradores em acções simultâneas em Lisboa».

NOVA DIRECÇÃO NOS S.S.F.A.

O Conselho dos Chefes dos Estado-Maiore das Forças Armadas exonerou o presidente, os vogais e o secretário-geral da direcção dos Serviços Sociais das Forças Armadas, respectivamente general Manuel Barreira

Antunes, brigadeiro piloto-aviador Mário Fernandes Jorge de Noronha, comodoro A. N. António Leão dos Anjos e coronel do C.E.M. na reserva António Carneiro Pacheco.

Em sua substituição foram nomeados o brigadeiro na reserva Afonso de Almeida Fernandes (presidente), comodoro A. N. na reserva João Pereira Duarte, brigadeiro piloto-aviador na reserva João Mendes Quintela (vogais) e coronel do C.E.M. na reserva Fernando Ferreira Valença (secretário).

LUSOFRIO

REPARAÇÕES FRIGORÍFICAS

Telef. 77 62 87 — LISBOA

IMPRESSORES

De «offset», ou tipografia com experiência de máquina rotativa, admitem-se.

Empresa em Lisboa.

Resposta indicando ordenado pretendido a este jornal ao n.º 1040

ESTRANGEIRO

Fase crítica nas relações entre Tóquio e Seul

TÓQUIO, 16 — (F.P.) — Depois do assassinio da mulher do presidente Park Chung Hee, vítima dum japonês residente na Coreia do Sul as relações entre Tóquio e Seul, entram numa fase crítica. Este atentado, sublinha-se nos meios informados, terá tanto mais incidência nas relações entre os dois países por vir acrescentar-se a uma lista, já longa, de incidentes graves.

A opinião pública japonesa está cada vez mais escandalizada com a «desenvoltura» de que dá prova o Governo de Seul nas suas relações com o Japão. O ministro nipónico dos Negócios Estrangeiros deplorou ainda que Tóquio não tivesse sido in-

formado antecipadamente da proibição imposta aos seus cidadãos de deixarem a Coreia do Sul depois do atentado.

Medidas tão discriminatórias como esta, sublinha, só são tomadas em tempo de guerra. A imprensa japonesa nota também que depois do atentado o ministro sul-coreano dos Negócios Estrangeiros «Kim Dong Jo», convocou o embaixador japonês em Seul para o admoestar apesar da nacionalidade do assassino ainda não ter sido determinada.

Cóisa mais grave ainda, os japoneses ficaram muito chocados ao saber, na quarta-feira, que o governo de Seul tinha de-

cidido abandonar o inquérito acerca do rapto de Kim Dae Jung, «Leader» da oposição sul-coreana, no seu hotel do centro de Tóquio, em Agosto de 1973.

Seul acusa o Japão de ser uma terra de asilo para os seus inimigos e um refúgio onde se preparam as conjunturas contra o presidente Park Chung Hee.

E preciso pôr termo, rapidamente, afirmam os observadores japoneses, a esta deterioração contínua das relações nipo-coreanas.

Assim, a visita à Coreia do Sul, do primeiro-ministro japonês Kakuei Tanaka, para o funeral da sra. Park Chung Hee, será de uma importância excepcional.

Os japoneses esperam muito desta visita, a primeira de um primeiro-ministro japonês à Coreia do Sul, que só uma tragédia tornou possível.



Um comboio de passageiros despenhou-se a noite passada de uma ponte na cidade de Luttre (Bélgica). A Polícia anunciou rezear que tenham morrido, pelo menos, vinte pessoas e ficado feridas muitas mais. Na telefoto um aspecto da via, depois do acidente. (Telefoto UPI-Telimprensa)

RELAÇÕES BRASIL-CHINA

“Um êxito brilhante da paciência chinesa”

PEQUIM, 16 (F.P.) — O estabelecimento de relações diplomáticas a nível de embaixadores entre o Brasil e a China Popular, anuncia ontem Brasília num comunicado conjunto, é considerado nos meios latino-americanos de Pequim como um brilhante sucesso da diplomacia chinesa, obtido à força de paciência e de perseverança.

Esta paciência, apoiada pela constante reafirmação da recusa de Pequim de se intrometer nos assuntos «internos» dos países latino-americanos (referência evidente aos movimentos extremistas existentes em vários desses países) dá agora os seus frutos.

Os observadores dizem por outro lado que a decisão de Brasília deve ter tido

em consideração a atitude da China Popular com o Chile. A conservação das relações de Pequim com Santiago depois de derrubado o presidente Salvador Allende, demonstrou, com efeito, a vontade de não intrometimento de Pequim nos assuntos internos latino-americanos.

O Brasil é o décimo país da América Latina a estabelecer relações com a China Popular. Os outros são Argentina, Chile, Cuba, Guiana, Jamaica, México, Peru, Trinidad, Tobago e Venezuela. Pode-se notar que a Venezuela como o Brasil «tomaram simplesmente nota» da posição chinesa quanto ao Taiwan, ou seja que este é parte inalienável do território da República Popular da China.

Nixon é a principal testemunha no julgamento de Ehrlichman

WASHINGTON, 16 — (R. e F. P.) — O antigo presidente Nixon foi convocado para depor como testemunha de defesa no julgamento de John Ehrlichman — um dos principais implicados no Caso Watergate — e poderá ser submetido em tribunal a um cerado interrogatório sobre a sua própria intervenção nas manobras de encobrimento, segundo se pensa nos meios judiciais desta cidade.

A convocatória, passada a pedido dos advogados do antigo conselheiro da Casa Branca, foi entregue na residência de Nixon, em San Clemente, acompanhada por um cheque de 300 dólares para as despesas de deslocação.

O antigo presidente será a principal testemunha no julgamento, marcado em princípio para 9 de Setembro, no qual respondem além de Ehrlichman mais cinco antigos funcionários

da administração e membros da comissão eleitoral republicana.

O procurador Leon Jaworski, que disse na semana passada não ter Nixon solicitado qualquer imunidade judicial antes de se demitir, está ainda a examinar as provas em seu poder para decidir se deve ou não processar o antigo presidente como encobridor.

Durante uma conferência realizada em Honolulu, a ordem dos Advogados americanos, à qual pertence Nixon, aprovou ontem uma moção opondo-se a qualquer imunidade. A moção não mencionava especificamente o antigo presidente mas visava-o nitidamente ao dizer que «as leis devem ser aplicadas igualmente a todos, sem atender à posição ou ao estatuto individual das pessoas».

Entretanto, Leon Jaworski, procurador-especial encarregado do Caso do Watergate, pediu

na quinta-feira ao juiz Sirica o adiamento das seis pessoas acusadas de haverem tentado abafar o inquérito a respeito do arrombamento da sede do Partido Democrático.

O procurador considera necessário este adiamento devido aos factos novos que surgiram, nomeadamente a confissão de Nixon e as novas fitas magnéticas entregues por este.

MOVIMENTO NACIONAL DE PROTECÇÃO A NIXON
BOSTON (MASSACHUSETTS), 16 — (F.P.) — O rabino Baruch Korff, animador de uma campanha de apoio a Richard Nixon antes da sua demissão, anunciou ontem em Boston

(Massachusetts) a sua intenção de lançar o Movimento Nacional para proteger o antigo chefe do executivo da «perseguição» da imprensa.

«Os poderes da Imprensa influenciaram a destituição, e agora tentam salvar o que fizeram», explicou: «não querem somente destruir o antigo presidente mas também enfraquecer o seu espírito, o que é canibalismo», prosseguiu. Poremos termo a esta selvageria, o povo mandará para o diabo», a Imprensa, os liberais e os esquerdistas, concluiu o rabino.

Ciclone

NOVA DELHI, 16 (R.) — Um ciclone, com ventos com uma velocidade de rajada de 100 quilómetros horários, fustigou a noite passada o Estado da Bengala Ocidental, já devastado pelas cheias, e as autoridades avisaram que maremotos assolariam hoje a costa.

Turistas em apuros

LONDRES, 16 (F.P.) — Abriu falência a «Court Line», uma das mais importantes firmas britânicas de viagens organizadas. Falharam as diversas tentativas do Governo de Londres para tirar a firma das suas dificuldades financeiras.

A situação da liquidação da «Court Line», que possui as companhias de viagens organizadas «Clarksons», «Horizon», «4 S», «4 S Sport» e «Airfare Sport» criará sérias dificuldades a um grande número de turistas: 40 mil encontram-se no estrangeiro e terão de ser repatriados. Outros 150 mil tinham feito as suas reservas para o fim da es-

tação e ficam agora imobilizados em suas casas.

Em Junho último as operações de Bolsa para as acções da «Court Line» tinham sido suspensas perante a queda da cotação.

Então o Governo tinha comprado por 17 milhões de libras esterlinas os interesses da «Court Line» nos estaleiros navais. Esta injeção de dinheiro não foi suficiente: a «Court Line» sucumbiu ao aumento dos preços dos carburantes, à baixa da libra esterlina e à diminuição de reservas nestes últimos meses.

Cessar-fogo em Chipre dentro de poucas horas?

ANGORA, 16 — (R. e F.P.) — O ministro turco da Defesa, Hasan Esat Isik, afirmou hoje que haveria «dentro de poucas horas», um cessar-fogo em Chipre.

Ao ser-lhe perguntado por jornalistas se a Turquia tencionava acatar o apelo das Nações Unidas para um cessar-fogo, o ministro respondeu: «Certamente que sim».

A decisão turca será anuncia-

da oficialmente depois dum conselho de Ministros previsto para as 12.30 horas locais (10.30 em Lisboa), soube-se em Ankara de fonte bem informada.

Bulent Ecevit, primeiro-ministro, esteve hoje de manhã no Estado-Maior Geral para se informar da evolução da situação em Chipre, e deve encontrar-se com Fahri Koruturk presidente da República, antes do conselho de Ministros.

SALDAMOS

A PARTIR DO DIA 19

VÁRIOS ARTIGOS A PREÇOS EXCEPCIONAIS

Lavores Femininos

AV. GUERRA JUNQUEIRO, 3-D

LAVORES

RUA AUREA, 179

quer viver as férias da sua vida?

Percorrer os mais belos itinerários da Europa? Fazer turismo com qualidade internacional? Essas são as férias que Claras lhe oferece. Para viver dias de sonho como merece e precisa. Inscreva-se já. Porque há muitos que têm o mesmo desejo de viver férias de sonho. Com Claras.

Rias Encantadas 3 dias / 1600\$00 15 Ago 13 Set	Além Pirinéus 9 dias / 4950\$00 10 e 31 Ago 7 e 21 Set
Fim-de-Semana em Sevilha 3 dias / 1350\$00 15 Ago 13 Set	Marrocos Imperial 9 dias / 5500\$00 17 Ago 14 e 21 Set
Espanha Histórica 5 dias / 2700\$00 17 Ago.	Magia de Marrocos 14 dias / 7750\$00 1 Set
Andaluzia de Sonho 7 dias / 3450\$00 11 e 25 Ago 1 e 15 Set.	Moinhos da Holanda 16 dias / 10 550\$00 10 e 24 Ago 7 Set
	Paris-Londres 16 dias / 10 550\$00 10 e 24 Ago 7 Set

CLARAS
Turismo com qualidade internacional

Av. Fontes Pereira de Melo, 33 / Tels 56 00 15-56 34 51 Lisboa 1

ESTRANGEIRO

CHIPRE

As forças turcas detêm quase um terço da ilha

NICÓSIA, 16 — (R.) — As forças turcas pareciam estar hoje prestes a alcançar o seu principal objectivo em Chipre, ou seja, a conquista de um terço da ilha.

Ontem os turcos entraram na cidade de Famagusta e atingiram a localidade de Morfu, completando praticamente a chamada «Linha Atila» que eventualmente constituirá a fronteira entre as duas comunidades da ilha.

A tarefa dos turcos está agora facilitada pela aparente desistência do Governo grego de intervir. O primeiro-ministro Karamanlis, num discurso transmitido ontem à noite, atribuiu ao anterior regime de Atenas o desaire sofrido e disse que uma intervenção militar grega em Chipre era «impossível».

Por seu turno o presidente cipriota Cleridis disse aos cipriotas gregos que a luta tem de continuar pois não se pode aceitar o ultimato turco para a criação de uma zona autónoma abrangendo o terço norte da ilha.

Entretanto os jactos turcos efectuaram esta manhã novo ataque contra Nicósia, bombardeando posições da Guarda Nacional na periferia ocidental da cidade.

Eram 6.20 da manhã quando os aviões apareceram sobre Nicósia, largando as suas bombas e desaparecendo novamente. O ataque parece ter apanhado desprevenidos os cipriotas gregos, que apenas dispararam uma rajada de metralhadora anti-aérea quando os aviões já se afastavam.

Grossas colunas de fumo ergueram-se dos objectivos bombardeados, que parecem ter sido atingidos por bombas de 500 quilos.

Duas violentas explosões foram ouvidas em toda a cidade, que ao nascer do dia estava silenciosa, depois de se ter travado tiroteio às primeiras horas de hoje ao longo da «Linha Verde», que separa em Nicósia os bairros turcos dos bairros gregos.

Após o ataque a Nicósia os aviões turcos prosseguiram as suas operações mas desta vez para noroeste, na direcção de Morfu, abrindo caminho aos tanques que avançam para Oeste a fim de completarem a «Linha Atila» que dividirá a ilha.

Outras notícias aqui recebidas de Famagusta dizem que as forças turcas também começaram ali esta manhã as ope-

rações, procurando ocupar totalmente aquele importante porto de mar.

Entretanto, os habitantes cipriotas gregos de Famagusta parecem ter fugido, calculando-se em 16 mil os que se refugiaram na base britânica de Dhekelia, que fica apenas a sete quilómetros da cidade.

Soldados da Guarda Nacional também estão a largar as armas para se refugiarem naquela base britânica, cujo perímetro está defendido por tropas britânicas entrancheiradas, como medida de precaução.

DESMENTIDA A ENTRADA NAS BASES BRITÂNICAS

ANKARA, 16 — (F.P.) — Hasan Esat Isik, ministro da Defesa turco, desmentiu ontem em Ankara que as forças turcas haviam penetrado nas bases britânicas de Chipre.

Isik precisou que a base de Dekhelia, onde se anunciou que as tropas turcas entraram, «é cortada por uma estrada. E, assim, possível, que as forças turcas, ao avançarem ao longo dessa estrada hajam atravessado a base, passando entre as partes da mesma situadas de ambos os lados daquela via de comunicação. Em tempo de guerra, acrescentou, registam-se acidentes, mas esforçamo-nos por os limitar ao mínimo possível».

O ministro lamentou a morte de três soldados das Forças da ONU, que, salientou, «tal como as forças turcas, estão em Chipre para restabelecer ali a paz».

CRIAR UMA ZONA AUTÓNOMA TURCA

GENEVBRA, 16 — (F.P.) — O ministro turco dos Negócios Estrangeiros Turgut Gunes, afirmou ontem ao deixar Genebra acompanhado por Rauf Denkash, representante da Comunidade Turca cipriota, que a Turquia apenas pretende obter em Chipre a criação de uma zona autónoma turca.

«Não se trata de partilha — afirmou Gunes. Trata-se de obter a divisão da ilha em duas zonas administradas de forma autónoma. Não quisemos impor uma solução pela força. Mas a maneira como decorreu a conferência de Genebra, e a falta de respeito pela declaração de 30 de Julho, colocaram-nos na obrigação de mandar avançar as nossas tropas».

Depois de ser entrevistado telefonicamente para a televisão

britânica, o primeiro-ministro turco Bulent Ecevit, declarou: «Penso que toda a gente já está convencida neste momento de que poderíamos ocupar a ilha em meia dúzia de dias, mas não tencionamos fazê-lo».

«Apesar da vitória militar alcançada, vamos deter o nosso avanço precisamente no ponto onde ficaríamos se a questão das zonas tivesse sido resolvida à mesa das negociações».

Quando o entrevistador da Televisão lhe perguntou se a Turquia já tinha alcançado todos os seus objectivos em Chipre, o primeiro-ministro respondeu: «Ainda não ocupámos exactamente um terço da ilha. Estamos também interessados em ter um pequeno território autónomo, sob controlo cipriota turco, para Oeste da linha Nicósia-Kyrenia».

ATENAS, 16 (R.) — Regista-se hoje na Grécia uma reacção de alívio, acompanhado de resignação, a seguir ao discurso proferido ontem, à noite, pelo primeiro-ministro Constantino Karamanlis, no qual culpou os antigos governantes militares do país do colapso em Chipre.

Karamanlis afirmou que as iniciativas diplomáticas do seu Governo civil tinham isolado a Turquia aos olhos do mundo e rejeitou uma confrontação militar com os turcos na ilha.

Os gregos ficaram aliviados por a guerra ter sido evitada, mas ressentidos com o facto de que isso tivesse sido conseguida à custa da concessão de um terço de Chipre aos turcos.

Embora Forças Armadas gregas sejam ainda mantidas no Estado máximo de prevenção, tornou-se evidente que o Governo e a maioria dos gregos estão dispostos, embora com relutância, a aceitar que as forças turcas controlem agora as áreas que afirmaram ocupar, durante as conversações de paz em Genebra.

Passagens do discurso do primeiro-ministro, que sugeriam que o seu Governo não tinha esgotado todas as possibilidades de contrariar a acção turca na ilha, fizeram, todavia, aumentar a confiança no país.

Karamanlis disse, a certa altura: «Outra acção foi iniciada, progredindo agora, mas, neste momento, não pode ser revelada».

Essa paragem foi interpretada em certos círculos desta capital como uma indicação de que as diligências diplomáticas em que o Governo de Atenas está empenhado poderiam ter, em breve, como resultado acordos bilaterais de defesa com países «amigos».

A atitude crítica da França em relação à acção turca em Chipre foi notada com particular interesse por funcionários desta capital.

O primeiro-ministro, no seu discurso, tornou, porém, claro que o plano turco para Chipre — uma federação ou uma estrutura catonal — era nacional, moral e nacionalmente aceitável, parecendo, assim, entre-



Funcionários da Cruz Vermelha estendem uma bandeira da Organização sobre o telhado do hotel Hilton, de Nicósia, a capital cipriota. A bandeira destina-se a advertir os bombardeiros turcos de que aquela zona é neutra (Telefoto UPI-Telapressa).

Reacção de alívio na Grécia à não intervenção em Chipre

gar a responsabilidade de qualquer acordo na ilha ao Governo cipriota-grego de Glafkos Clerides.

A RETIRADA DA N.A.T.O.

Fontes da N.A.T.O. nesta capital inclinavam-se a minimizar o significado da retirada da Grécia da ala militar da Aliança Atlântica. Contudo, os norte-americanos, em especial, mostram-se apreensivos em que essa retirada possa afectar acordos bilaterais, incluindo as facilidades portuárias que a Sexta esquadra tem neste país e outras instalações de defesa em território grego.

Houve inevitavelmente certa confusão a seguir ao comunicado oficial de ontem, à noite, descrevendo como «inexactas e pre-

maturas notícias sugerindo que soldados norte-americanos vão ser expulsos da Grécia e que terminaram os acordos bilaterais».

Um informador governamental notou que a decisão da Grécia de retirar da ala militar da N.A.T.O. escalaria com a mesma velocidade de um caso anterior.

Observadores consideraram esse comentário como uma referência evidente à retirada da França da aliança do Atlântico Norte, que teve de mudar a sua sede de Paris para Bruxelas. A França exigiu também — e conseguiu — a retirada de tropas da N.A.T.O. do seu território.

O Governo tornou claro que uma próxima visita a esta capital do dr. Joseph Luns, o secre-

tário-geral da N.A.T.O., não seria bem recebida.

Entretanto, o general Halikias, comandante-chefe das forças gregas do comando do Sul da Europa da N.A.T.O. não teria recebido ainda instruções de Atenas para a retirada das tropas gregas da organização militar da aliança.

Soube-se que no dia seguinte à decisão da Grécia de se retirar, a decisão era considerada normal no quartel-general do comando do sul da Europa em Nápoles. Notou-se, contudo a chegada na quinta-feira ao golfo de Nápoles, onde fundeia habitualmente a sexta-esquadra americana, do porta-aviões americano «Forrestal», que tem a seu bordo 68 aviões de seis tipos diferentes.

"Os países pequenos não podem confiar nas superpotências"

NAÇÕES UNIDAS (Nova Iorque), 16 (EFE-ANI E R.) — O embaixador de Chipre na ONU, Zenon Rossides, enviou ontem à noite uma carta de protesto ao secretário-geral Kurt Waldheim, na qual declara que a agressão turca contra Chipre «não tem precedentes na história actual».

A carta, com data de 14 de Agosto é publicada como documento oficial do Conselho de Segurança da ONU, sublinha: «A Turquia, ao sabotar a conferência de Genebra, a que assistiu, não com o propósito de negociar, mas com o de ditar as suas próprias condições desencadeou um ataque total e ocupou já uma parte substancial do território».

«A Turquia recusa-se a aceitar a decisão do Conselho de Segurança para que haja um cessar-fogo, como já o fez anteriormente. Para conseguir uma posição de supremacia militar, os turcos continuam com o seu brutal ataque, causando grande perda de vidas, sofrimento humano e destruição».

No documento afirma-se ainda: «Chipre encontra-se, neste momento, nas mãos das tropas turcas. O facto prova que os países pequenos não podem confiar as superpotências, aquelas que devem ser as criadoras e zeladoras da paz internacional. Discordo da atitude das grandes potências que observam os dramáticos acontecimentos em Chipre, sem nada fazerem, em especial a dos Estados Unidos que podiam, segundo creio, ter evitado que a Turquia invadisse Chipre, ou, pelo menos, ter posto fim à agressão».

«Se se encara a conquista do território de Chipre como «um facto consumado», isso destruiria o conceito em que se baseiam as Nações Unidas, e seria um precedente «ameaçador» para a independência e segurança dos países pequenos».

Entretanto, o Conselho de Segurança deplorou ontem, à noite, a morte e ferimento de soldados da O.N.U. em Chipre e exigiu que «todas as partes interessadas» respeitem cabalmente o estatuto internacional da força de manutenção de paz.

A resolução, apresentada pela Austrália, Austrália, Camarões, França e Peru, foi aprovada por 14 votos contra zero, com a China abstendo-se.

O embaixador chinês, Huang Hua, reiterou as objecções do seu Governo a envolvimento da ONU em operações de manutenção de paz.

Foi a segunda moção votada ontem pelo Conselho. O organismo de 15 países aprovava antes, a noite passada, por unanimidade um novo apelo de cessar-fogo — a sua quarta resolução dessa natureza.

Hua, reiterou as objecções do seu Governo a envolvimento da ONU em operações de manutenção de paz.

Foi a segunda moção votada ontem pelo Conselho. O organismo de 15 países aprovava antes, a noite passada, por unanimidade um novo apelo de cessar-fogo — a sua quarta resolução dessa natureza.

Refugiados

LONDRES, 16 (EFE/ANI) — Três mil pessoas, na sua maioria mulheres e crianças foram evacuadas ontem de Chipre, em aviões que com um intervalo aproximado de meia-hora saíram de Akrotiri, com destino às bases da RAF em Brize Norton e Lyneham.

Cerca das cinco da tarde, hora de Londres, 26 aviões de diferentes tipos haviam aterrado na Grã-Bretanha.

Em Chipre estão ainda umas oito mil pessoas que aguardam vir para o Reino Unido.

Os turistas britânicos na Turquia foram informados pela embaixada em Ancara de que podem permanecer no país. Mas cerca de mil turistas esperam abandoná-lo nos próximos dias.

A cidade de Othello em poder dos turcos

FAMAGUSTA, (CHIPRE), 16 — (UPI-ANI) — Os blindados e a infantaria turcos garantem o domínio do porto de Famagusta e encontram-se também a Ocidente de Nicósia, aproximando-se do objectivo de separar a zona turca da zona grega de Chipre.

Os tanques turcos foram saudados em Famagusta por cerca de dez mil cipriotas gregos, enquanto a população cipriota grega havia fugido.

Os turcos controlam agora o nordeste de Chipre, zona oriental da chamada Linha Atila pela qual esperam dividir a ilha em duas partes.

Enquanto os tanques entram em Famagusta, os turcos também se aproximavam de

Lafka, 45 quilómetros a Ocidente de Nicósia, a fim de conseguirem estabelecer aí o termo ocidental da Linha Atila.

Os bombardeamentos turcos aos subúrbios orientais e ocidentais de Nicósia durante o dia de ontem pareceram visar um isolamento da capital, nomeadamente em relação ao aeroporto internacional, que fica oito quilómetros a Sudoeste.

Famagusta caiu pela primeira vez em poder dos turcos no ano de 1571, depois de um ano de cerco pelos soldados do sultão.

Cidade pitoresca, centro turístico, com o único porto cipriota de águas profundas, foi nela que Shakespeare colocou a acção de Othello.

TRIBUNA LIVRE

Por RODRIGO DE MOCTEZUMA

CONTRA UM NOVO MESSIAS

A existência duma continuidade administrativa, quer nos serviços públicos, quer nas empresas privadas, é condição essencial ao programa das nações democráticas.

Na realidade, não podem os povos suportar repentinas e totais alterações nos seus quadros técnicos e nas suas estruturas económicas sempre que se opere uma transformação política determinada pela livre expressão da vontade dos seus cidadãos.

Em regimes ditatoriais, a estruturação dos serviços públicos, e de certo modo das empresas, opera-se segundo um esquema rígido, altamente influenciado ou mesmo dominado em absoluto por uma concepção política, que se deve obrigatoriamente servir: e os quadros, primeiro por necessidade de garantia ideológica e mais tarde como aconchego de partidários,

são preenchidos por fieis intérpretes do regime.

Isto significa que qualquer mudança política, seja por substituição de grupos dentro da ditadura, seja pela instauração, quase sempre violenta, duma democracia, origina um autêntico vendaval administrativo em que orgânicas e quadros são inteiramente subvertidos.

Por isso, tem bem razão de ser a frase que a História põe na boca dos ditadores: Depois de mim, o caos! É sem dúvida o caos político, económico e social a herança imediata dos regimes baseados na força.

E em especial como é lógico, as súbitas alterações das formas administrativas e dos quadros técnicos provocam na economia autênticos períodos de desolação durante os quais nada se cria e tudo se transforma.

PORQUÊ A CONTINUIDADE

A Inglaterra, a Suécia, a Holanda e tantos outros países democráticos não conseguiriam certamente sobreviver se, de cada vez que trabalho e conservantismo se substituem, toda a vida económica sofresse uma tal subversão, com imediata e radical mudança de estruturas e de quadros.

Já decerto não existiriam como nações independentes, dada a frequência com que as opções políticas são submetidas dos seus povos.

Para que as transformações políticas democráticas se possam processar sem pôr em risco a sobrevivência das nações é necessário que as suas instituições e os seus quadros possam pro-

gressivamente adaptar-se às novas circunstâncias sem ter que se correr a pontapé seja quem for nem seja o que for.

Quer dizer, as estruturas e os quadros administrativos têm que actuar como simples executores do interesse nacional, adaptando-se às transformações políticas, sucessivamente escolhidas pela nação. A continuidade administrativa — dos serviços públicos e das empresas, repita-se — exige um conteúdo apolítico para que possa tomar sem compromissos a forma política escolhida em qualquer momento.

O NOSSO CASO

Portugal atravessa um desses momentos cruciais em que se vê obrigado a eliminar estru-

ras e quadros administrativos, politizados tanto na sua forma como no seu conteúdo; com a agravante de ter desde há muito atingido a fase em que não se procurava a fidelidade ideológica dos servidores, mas sim a forma de os aconchegar em gordas postas. Já que nos obrigaram a sofrer tamanhos tratos de polé, ao menos tiremos deles a conveniente lição.

Criemos uma vida verdadeiramente democrática, em que não tenhamos a escolha sucessiva de novas opções; isto é, criemos uma continuidade administrativa de forma a podermos, em qualquer momento, escolher novos rumos sem receio de vendavais violentos que a tudo e a todos levam atrás de si.

Se não o fizermos, dificilmente poderemos desejar que, perio-

dicamente, nos sejam proporcionadas novas opções políticas, pois de antemão saberemos que elas nos trazem a desolação, o caos e, mais perigoso ainda, o messianismo que nos leva a encerrar com ternura a ideia dum Salvador de Pátria; Salvador que, ciente disso, não deixará de imediatamente aparecer.

Talvez em Coimbra!

Rodrigo de Motezuma é dirigente do Partido Popular Monárquico. A publicação do presente artigo destina-se, obviamente, a proporcionar aos nossos leitores, se for caso disso, matéria para análise sobre um ponto em que o Governo Provisório se encontra empenhado — o saneamento dos quadros administrativos. Também obviamente o texto não representa qualquer tomada de posição da redacção acerca do exposto.

novidades EUROPA-AMÉRICA

Um novo romance de SVEN HASSEL

GENERAL SS

Uma obra dantesca que tem por cenário a batalha de Estalinegrado e por «personagens» a loucura do Führer e o desespero dos homens.

100\$00

COLECÇÃO «SÉCULO XX»

Na mesma colecção:

O PARAÍSO, de Alberto Moravia

90\$00

A GOLPADA, de Robert Weverka

70\$00

RESPONSO DAS ALMAS, de Wilson Lins

95\$00

A INCRÍVEL E TRISTE HISTÓRIA DE CANDIDA ERÉNDIRA E DA SUA AVÓ DESALMADA, de Gabriel Garcia Márquez

65\$00

Peça na sua livraria ou directamente a
publicações europa-américa

Apartado 8 — Mem Martins

SOLNADO FICA NO BRASIL?

O número desta semana da revista «Plateia» publica uma reportagem sobre as filmagens de Raul Solnado.

JULIETTA MASSINA SECRETÁRIA DE FELLINI

Uma entrevista de Baptista Rosa com a grande actriz italiana no número da revista «Plateia» desta semana.

LEIA ÀS TERÇAS-FEIRAS



O JORNAL

motor

PARQUE OCEANO



UM NOVO CONCEITO DE URBANIZAÇÃO

Onde a harmonia de viver se conjuga dentro e fora de casa. Cada andar é um «mini-hotel» cinco estrelas, construído e equipado a um nível de qualidade superior. Em todos os pormenores — mesmo aqueles que você não vê e que nós explicaremos em detalhe. Depois, a tranquilidade exterior. Uma vasta zona privativa — com piscinas, saunas, jardim, galerias e estacionamento. Logo adiante, o mar e a praia.

A 20 minutos de Lisboa, um clima diferente de viver.

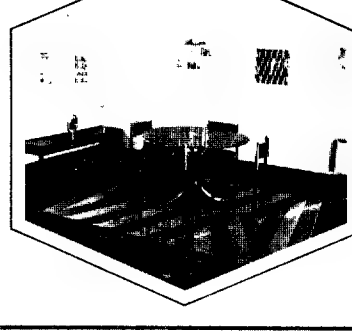
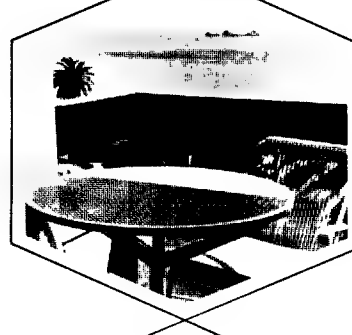
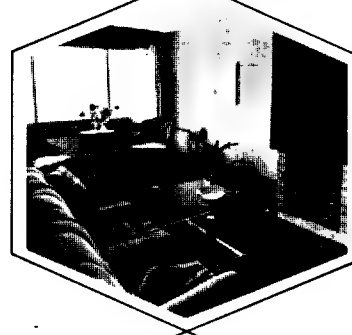
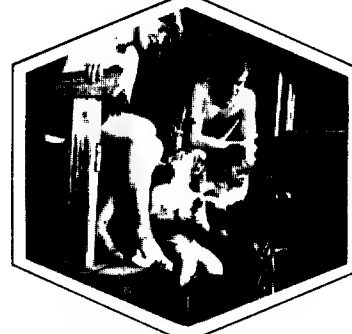
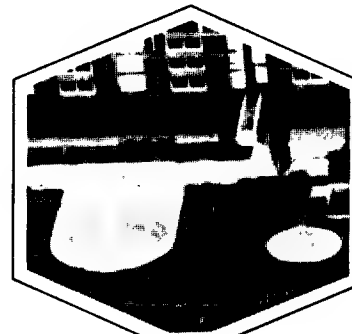
PARQUE OCEANO

em SANTO AMARO DE OIRAS
junto à Marginal, frente à Praia.

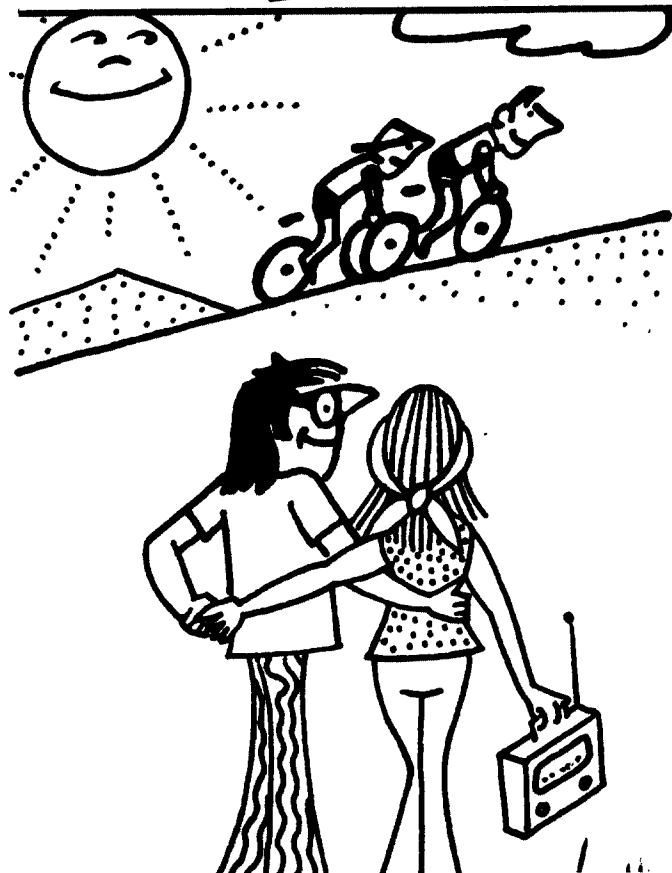
Recepção todos os dias
até às 20 h., ou pelo telef. 2434139

Empreendimentos SPOC

Av. da República, 21-21-A — Telef. 571351-48307 — LISBOA

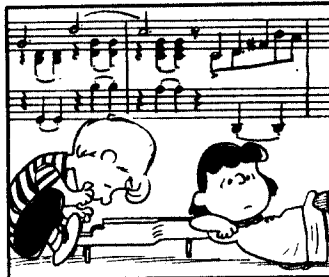
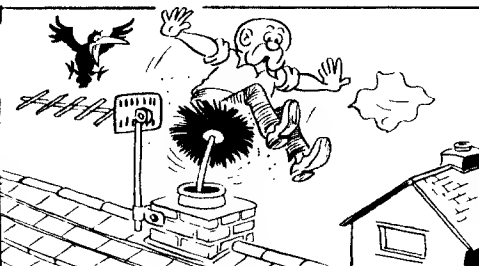
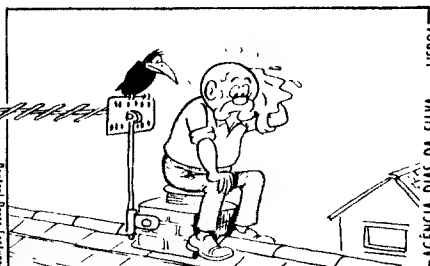
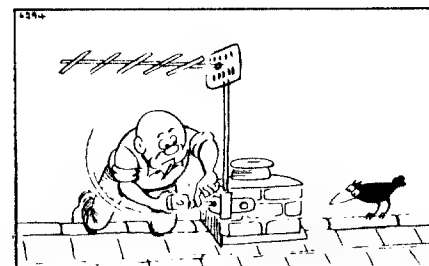


O traço de Prágua



— *Gostavas que o teu marido fosse corredor?*
— *Não, porque chegava a casa muito cansado...*

PEANUTS

**CAROL DAY**by DAVID
WRIGHT

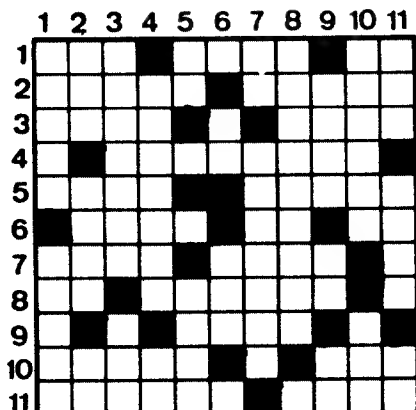
palavras cruzadas

COM PROVÉRBIOS

PROBLEMA N.º 10862

HORIZONTALS:

- 1 Sirga. Ruins. Artigo definido.
- 2 Avaliar. Compror.
- 3 Fazer doação de. Ninhos.
- 4 **Pessoas** que residem próximo.
- 5 Vais para fora (INV.). Cidade da Itália.
- 6 Presilha. Doutor. Carta de jogar.
- 7 Pão de milho. Derrota (pop.).
- 8 Autores. Fecharam as asas para descer mais depressa.
- 9 Ratas.
- 10 Rezara. Espécie de palmeira.
- 11 Esmurrara. Estavam.



VERTICAIS :

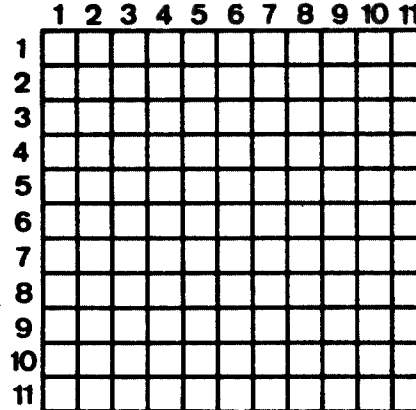
- 1 Completos. O fruto da videira (pl).
- 2 Rezo. Palmeira da Amazônia. Lela grega.
- 3 Ametista. Palavra gaelica que significa pedra e preciosa de um grande número de nomes irlandeses e escoceses.
- 4 Esquivas. Batráquio.
- 5 Nota musical. Encolherizar.
- 6 Nota musical. Sadio.
- 7 Artigo indefinido. Futúria.
- 8 A propriedade da casa que está alugada (pl).
- 9 Província do Equador no centro da região andina. Antes do meio dia. Atmosfera.
- 10 Encosta. Entre os Filipinos a divindade.
- 11 Isolados. Campeões. Artigo indefinido.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVERBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE**PROBLEMA N.º 7020**

HORIZONTALS

- 1 **S**umptuosa. Instrumento para atirar setas (pl.).
- 2 **C**histe. Ruim.
- 3 **F**az notasções em. Capital do Canadá.
- 4 **N**eon (s.q.). Nome de um planeta. Aparência.
- 5 **I**nconstante.
- 6 **H**ospedaria oficial, na China. Mulher nobre.
- 7 **O** mesmo que três. Sadio. Governanta.
- 8 **M**ove os remos. Quatrocentos e dois em romano.
- 9 **A**spira. Luz.
- 10 **E**m a. Cobri de todo. Aragem.
- 11 **R**estos mortais. Bebida alcodica da India.



VERTICA

- 1 Cipó. Que consta de três.
- 2 Nordeste (abrev.). Anfitea-
tros.
- 3 Costume. Ave pernalta.
- 4 Fiz latuagem em. Combino.
- 5 Pessoas brutais. Prepo-
sição e artigo definido (pl).
- 6 Certo vinho francês espumoso do Marna. Campeão.
- 7 Tornado mono, amuado. Caminho.
- 8 Ratazana. Range.
- 9 Planta apocínea cujo suco é empregado para envenenar as frechas dos Mandingas. Estimada.
- 10 Tempo do verbo ir. Acarnhar.
- 11 Transpirar. Gemera.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10861

HORIZONTALS:

- 1 Campina. Rif.
- 2 AC. Cara.
- 3 Sabino. A. mos.
- 4 Bisa. Mio.
- 5 O. Or. St.
- 6 Ar. Garra. Ao.
- 7 Miga. Sr. Ar.
- 8 Imolo. Espia.
- 9 Natais. Ou.
- 10 Tia. Arderia.
- 11 Osso. Aéreas.

VERTICAIS:

- 1 Cãs . FAMINTO .
- 2 Acab . Rimaís .
- 3 Bio . Gotas .
- 4 Pais . Gala .
- 5 Nada . OIã .
- 6 NÃO . Rs . Sra .
- 7 MORRE . DE .
- 8 Caira Soer .
- 9 Ramo . Apure .
- 10 Irô . Sari . la .
- 11 FASTIO . Abas .

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7019

HORIZONTALS:

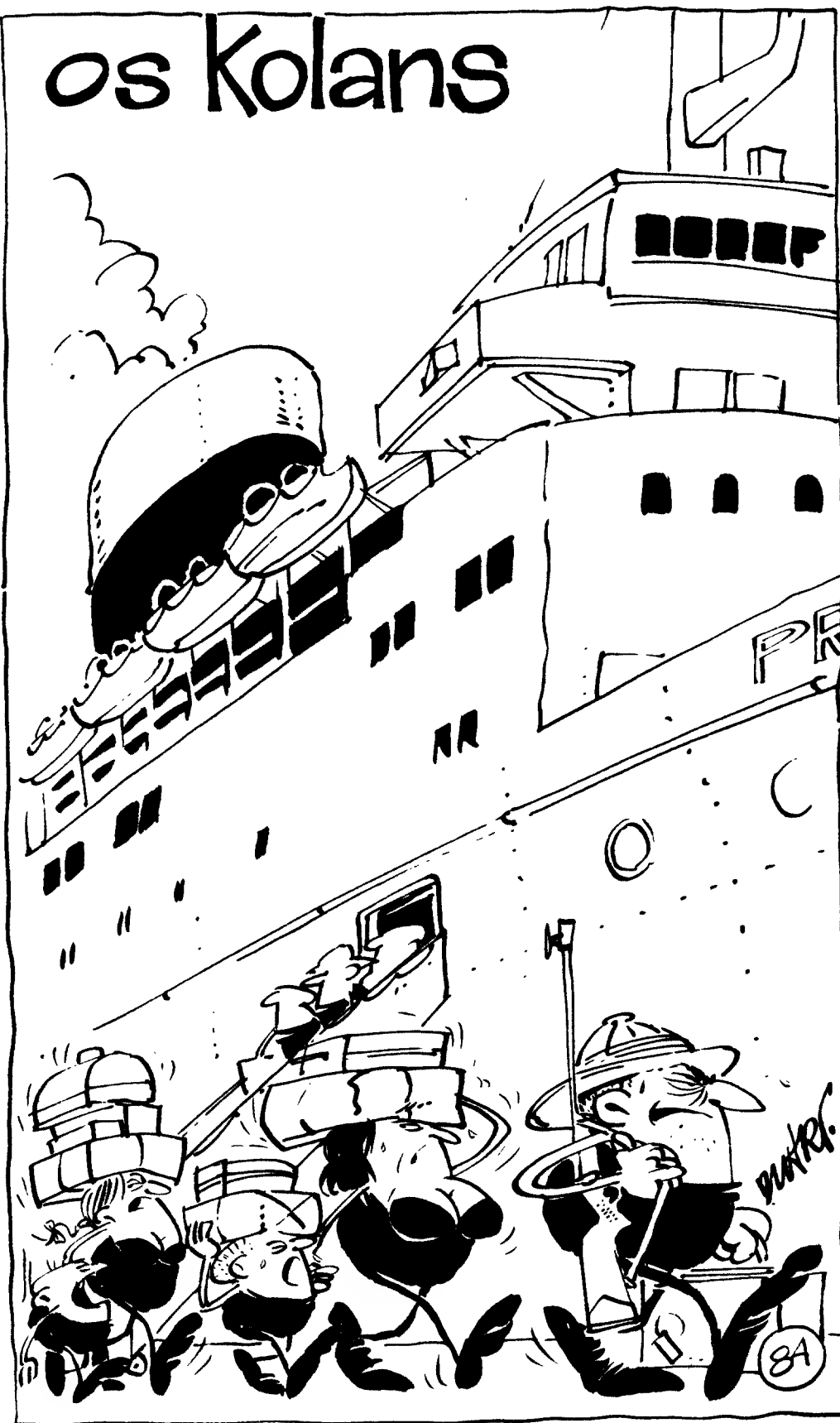
- 1 Gerês. Peres.
- 2 Arena. Anila.
- 3 Li. El. Se. Al.
- 4 Açis. Sura.
- 5 Sãs. P. M. O. Nã.
- 6 Roga. Lais.
- 7 Lascara.
- 8 Aral. Asso.
- 9 Ca. Em. In. Um.
- 10 Ámago. Chama.
- 11 Rolos. Oasis.

VERTICAIS:

- 1 Galas. Maçar.
- 2 Eriçar. Ramo.
- 3 Re. Isola. Al.
- 4 Enes. Galego
- 5 Sal. Pás. Mós
- 6 S. M. Cf.
- 7 Pas. Olá. Iço.
- 8 Enes. Aranha
- 9 Ri. Unias. Ás
- 10 Elaras. Sumi.
- 11 Salão. Tomas

Provérbio: O FAMINTO NÃO MORRE DE FASTIO.

os Kolans



ALGUMAS INDÚSTRIAS DE PAPEL NÃO PAGAM OS SALÁRIOS MÍNIMOS

Alegando falta de vendas, de crédito bancário e de matéria-prima, algumas indústrias de papel não cumprem o acordo estabelecido entre as entidades patronais e os representantes dos trabalhadores; outras não pagam o salário mínimo, aproveitando-se da pouca consciência de classe de alguns trabalhadores que empregam, levando-os a assinar recibos com aquela importância.

Esta informação advém da reunião efectuada entre a direcção da União dos Sindicatos da Indústria do Papel e o Secretariado da Intersindical para debater as ilegalidades cometidas.

Os trabalhadores sentem-se ludibriados e mostram-se pouco dispostos a aceitar tal situação por muito mais tempo, esperando que as negociações, a iniciar em Outubro, venham tra-

zer-lhes os benefícios a que têm direito.

Perante a actual situação, e num comunicado agora difundido, a Secretariado da Intersindical alerta uma vez mais os trabalhadores para as manobras da reacção e do grande capital que procuram dividi-los e confundir-los para continuarem a reinar, chamando também a atenção do Governo Provisório para a necessidade de legislar rapidamente de modo a garantir aos trabalhadores melhores condições de vida e de trabalho.

DELEGADOS SINDICAIS DESPEDIDOS

Por outro lado, segundo informa a Intersindical, os patrões da Cerâmica Vale de Murta, na localidade do mesmo nome, despediram dois delegados sindicais, ameaçando proceder do

mesmo modo em relação a um terceiro.

Os trabalhadores despedidos referem que o motivo do seu despedimento se deve unicamente ao facto de desempenharem funções sindicais.

O comunicado termina apelando para a luta solidária de todos os trabalhadores daquela empresa pela reintegração dos seus camaradas no sentido de pôr cobro às atitudes reaccionárias do patronato.

MENOS DESPEDIMENTOS EM JULHO

De acordo com dados estatísticos do Serviço Nacional de Emprego, durante o mês de Julho registaram-se no País 2561 despedimentos, número bastante inferior em relação a Junho (cerca de menos de 50 por cento). Quarenta por cento dos trabalhadores despedidos faziam parte dos quadros de empresas com mais de 100 lugares, enquanto que 10 por cento provieram de unidades onde trabalhavam menos de 20 pessoas. Os sectores de actividade, quantitativos e distritos de maior incidência, foram: construção ci-

vil, 1179, em Faro, Funchal e Lisboa; indústria têxtil, 306, em Braga; indústrias metalomecânicas, 206, na Guarda e Castelo Branco; e hotelaria, 151, no Funchal.

No mesmo período, verificou-se um agravamento da relação oferta/procura: se em Junho, para cada 33 lugares oferecidos, havia 100 pedidos de emprego, no mês seguinte o primeiro valor desceu para 26. E esta situação face aos 41.592 pedidos de emprego e das 10.803 ofertas de trabalho, registados no S.N.E.

PORTUGUESES RADICADOS NA ARGENTINA VISITAM PORTUGAL

Chegou a Lisboa mais um voo da T.A.P. com compatriotas nossos radicados na Argentina. O voo totalmente fretado por portugueses que trabalham naquele país, os quais na sua maioria são sócios do Clube Português de Buenos Aires, transportou mais de uma centena e meia de passageiros. Como já há dias chegou outro voo idêntico podemos chamar a estas viagens dos nossos compatriotas residentes na Argentina uma verdadeira romagem de saudade à Pátria.

Encabeçando o numeroso grupo, encontra-se em Lisboa o comendador Sousa Barra, presidente do Clube Português de Buenos Aires e Américo Dias, também pessoa de grande influência na colónia portuguesa de Buenos Aires. Esta noite o

grupo oferecerá uma pequena festa num hotel de Lisboa onde receberá os representantes dos órgãos da Informação e outros convidados. Mais tarde depois de visitar alguns locais típicos da cidade, o grupo dispersar-se-á seguindo cada emigrante para a sua terra natal.

CURSOS

● MECANOGRRAFIA
PERFURAÇÃO/VERIFICAÇÃO
Sistemas: IBM e UNIVAC
máq. 029-059-129-1701-1710
Início dos cursos: 23 Agosto
Informações e matriculas no:
EXTERNATO CONTINENTAL
Tel. 364272
R. do Arsenal, 100 - 1.º

LONAS

REPS, LINTEX
CHAPÉUS DE SOL
MATERIAL DE JARDIM
novo e usado barato
R. Leite de Vasconcelos, 16-A
Tel. 849689

B.B.C. - SECÇÃO PORTUGUESA CONCURSO

PARA ASSISTENTES DE PROGRAMAS
A CONTRATAR POR 3 ANOS

Os requerentes devem ter: Português como língua materna; boa preparação académica e cultural; experiência jornalística; capacidade para traduzir de Inglês para Português; conhecimentos de política Britânica e Internacional; boa qualidade de voz. Conhecimentos de dactilografia aconselháveis. Respostas em inglês, dando pormenores de habilitações e incluindo um sobrescrito auto-endereçado a:

Personnel Officer, South European Service, 418,
S. E. Bush, Bush House, Strand, LONDON, WC2
4PH

Referência: 74G 383

PNEUS

DE TODAS AS MARCAS
AOS MELHORES PREÇOS

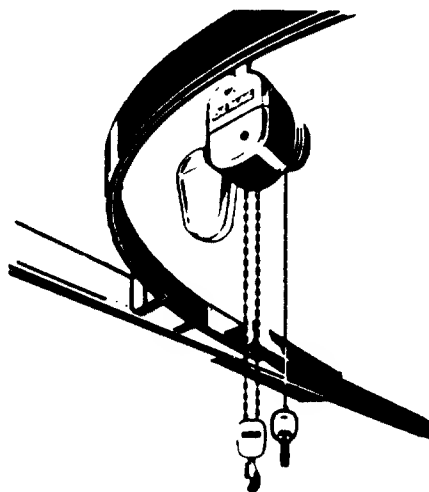
SARAIVA & GONZALEZ, LDA
AV. DUQUE DE AVILA, 26-B

TELF 531094

LISBOA

DEMAG

SISTEMA-JÚNIOR



INSTALAÇÕES DE
MOVIMENTAÇÃO
DE CARGAS PARA
AUTO-MONTAGEM

ROMAR
UMA ORGANIZAÇÃO AO SERVIÇO DA INDÚSTRIA

TRABALHAM COM MÁQUINAS RECUPERADAS

As cerca de 60 operárias da firma de capital alemão, Naturana Portuguesa, que foram colectivamente despedidas por carta, sem que a empresa tivesse cumprido integralmente as indemnizações exigidas pelo Contrato Colectivo de Trabalho, conseguiram recuperar as máquinas que a administração da empresa retirara para as instalações de outra firma alemã, a Unitex, em Sacavém.

Não conseguiram, porém, segundo informação do delegado sindical, reaver algumas peças, as «conduções», imprescindíveis para o trabalho que a fábrica

produz habitualmente.

Apesar disso, as trabalhadoras continuam a ocupar as instalações fabris, e a dedicar-se à confecção possível de algumas peças.

Um comunicado da firma alemã Unitex - Sociedade de confecções Ld.ª, informa que «o único contacto estabelecido com as duas firmas registou-se quando a Unitex aceitou alugar parte de um dos seus armazéns à Naturana, durante os meses de Agosto e Setembro, na convicção de que seria utilizado apenas para fins estritamente legais».

↑ PORTO
LISBOA ↓

ALGARVE



serviço
AutoCama

de 31 de Maio a 13 de Outubro

peça informações

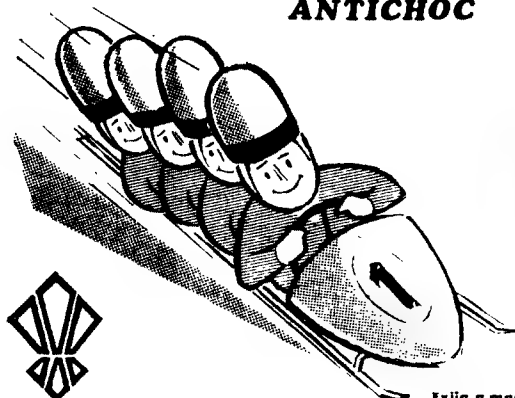
Caminhos de Ferro Portugueses

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Fernando Gomes Rodrigues na Tabacaria da Estação de SANTO AMARO DE OEIRAS

CAUNY

RELÓGIOS PARA DESPORTOS

AUTOMATICO
DIA E DATA
ANTICHOC



A MAIS ALTA PRECISÃO SUÍÇA

Exija a marca CAUNY
gravada na coroa e na
parte exterior da caixa

DESPORTOS

VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA

A etapa da mentira

Costuma dizer-se que o «juiz de paz» de qualquer Volta a Portugal em Bicicleta é constituído pela tirada Manteigas-Torre ou mais propriamente quando se atravessa a serra da Estrela, seja para um ou para outro lado, mas sempre com o epicentro do «terramoto» localizado na Torre

Assim tem acontecido nos anos anteriores e através de toda a história das Voltas: Agostinho é o exemplo sábio e categórico de como o entusiasmo popular, aliado ao poder de idolatria por alguém, faz deslocar até à serra beirã milhares e milhares de pessoas ávidas de presenciarem aquilo que consideram um «espectáculo» de força e apuro físico, desgastante até mais não, digamos mesmo que aviltante para a capacidade humana

Não aconteceu ontem assim. A considerada etapa justiciera foi afinal desvirtuada profundamente por centenas de populares que, intrometendo-se no trabalho de cada equipa, fizeram aí questão de auxiliar os ciclistas seus preferidos e, desse modo, contribuíram para uma melhoria aparente das suas classificações. Mas de um modo «extraordinário»: arrepiando pelo meio da estrada, cortando caminho a toda a gente, barricando-se inclusive atrás dos carros e transportando quase ao colo alguns pobres de Cristo que por aqui andam à pedalada dia após dia.

Mas não só o público contribuiu para a mentira da etapa. Podemos dizer que alguns dos principais interpretes desta corrida foram também auxiliados (e grandemente) pelos seus carros de apoio, numa manifestação mais do que tendenciosa e também anti-regulamentar, antidesportiva e antitudo.

Manuel Sousa (Porto), praticamente, foi colocado ao «colo» dos tripulantes do veículo NR-85-47, carro que fornece apoio mecânico à turma azul. O impávido fiscal foi também (e infelizmente) um dos colaboradores. Firmino Bernardino, também ele pode a estas horas considerar-se como insatisfeito com a sua tarefa; acolitado por uma trindade sportinguista chegou ao pináculo da serra da Estrela impulsionado por vigorosos braços e por empurrões consecutivos que não eram propriamente e exclusivamente para ele...

César Aires beneficiando de uma excursão taverense, que se escalou estrategicamente pela montanha, foi também impulsionado e frequentemente pelo seu colega Jorge Fernandes, de tal modo que se a esta hora conserva a camisola amarela, bem pode dar o bolo do seu prémio ao desvelado companheiro de corrida. E quanto a Fernando Mendes, que vestiu a camisola do Benfica, expres-

samente, para ser melhor identificado pelo público (recorde-se que, sendo campeão nacional) seria obrigado a usar a camisola listada verde-vermelha, sempre que não ocupasse um posto cimeiro em classificação de outras provas oficializadas, o que era o caso, evidentemente. Enfim um exame para a Organização ponderar se valerá ou não a pena continuar com esta etapa nos moldes em que ela se realizou: sem policiamento eficaz e, o que é pior, sem qualquer sinal de fiscalização nos carros de apoio ou impedimento de populares assomarem à estrada e através dela rebocarem os seus ídolos por muitas centenas de metros. E rebocar será ainda um impedimento: só faltou, em muitos momentos, atarem um cinto à bicicleta e correrem com ela atrás.

Mas contemos sucintamente como foi a história da corrida. De manhã, praticamente, correu-se apenas com a intenção de cumprir o programa: 42,772 de média, com Manuel Sousa (Porto) a fugir logo à partida. Em Vale de Estrela a banda local veio para a estrada para ver a Volta passar. Mas havia pouco para ver...

Norberto Duarte logo descolou aos 6 quilómetros e o pelotão descia a 80 quilómetros, a caminho de Manteigas, vindo de uma Guarda entenebrecida ainda por movimentos que não queremos considerar como perfeitamente aderentes ao novo regime. Isto é: o saneamento parece-nos que entre Guarda e Manteigas viaja muito vagorosamente. Digamos mesmo que a passo de tartaruga.

Mas falemos exclusivamente de ciclismo. Estávamos a falar de Norberto Duarte, estávamos a falar de velocidade, e nada mais ficará para contar, a não ser que logo na cauda desta mini-etapa se quedaram Carlos Vitorino e Ramalho Martins por alguns instantes, mas, santos depois Joaquim Sousa, muito, em extrema dificuldade, Nor-

Por NEVES DE SOUSA
Nosso enviado especial

berto Duarte, Belmiro Fernandes e José Diogo, todos eles a contas com forte crise física, mostram como a equipa sanga-lhense está mesmo pendurada pelos últimos arames.

O triunfo ao sprint foi, como de costume, decidido a favor dos mais rápidos homens do Norte: Manuel Silva, Custódio Gomes e Joaquim Leite, foram os melhores. E se Manuel da Silva escreve o seu nome como vedeta também desta Volta (vedeta, aliás, pequenina) Joaquim Leite terá de ser considerado como tendo cumprido uma excelente prova, uma vez que percorreu cerca de 22 quilómetros com os travões da sua bicicleta partidos. Enfim, uma etapa apenas para aperitivo.

FORNALHA

À tarde chegou, finalmente, a grande hora. Uma excursão vinda de Tavira para empurrar e apoiar o camisola amarela, manifestou, logo de entrada, a sua presença através da partida e ao longo de toda a etapa Manteigas-Torre, incidindo principalmente na dura escalada que seria de esperar para César Aires e seus companheiros.

Logo à partida, Carlos Farramacho fura e o médico é chamado para Vitorino Pereira. Já na encosta fura José Maria Nunes e regista-se o segundo furo de Fernando Mendes que, em poucos instantes, perde cerca de 25 segundos, mas, a seis quilómetros de Seia, estava novamente na corrida. Ele e todos os outros atrasados. É então que Venceslau Fernandes e Manuel Sousa procuram escapar-se à coluna dos concorrentes. Os fugitivos atingem Seia com um minuto e vinte segundos de avanço. Aí fura José Maria Nunes e aparece o motociclista-estafeta com a informação de que Venceslau Fernandes estava absorvido e apenas Manuel Sousa prosseguia na arrancada, já então com 3m e 35s de vantagem.

Fura Manuel Silva, o vencedor da manhã, Carlos Farramacho e o próprio camisola amarela, mas ninguém dá por ela ou toda a gente se reserva para outros cometimentos. Nas Penhas Douradas a montanha

é atingida em primeiro lugar por Joaquim Leite, Américo Vieira e Manuel Silva, o que demonstra que Joaquim Leite não veio para o Benfica fazer apenas ofício de corpo presente, como se poderia pretender a partir do instante em que o F.C. Porto dispensou um dos seus melhores estradistas.

Acreditei ontem que podia ganhar o Prémio da Montanha. A partir deste momento julgo que poderei ir lá...

Joaquim Leite diz-nos isto encostado à janela do nosso carro. Vai preparar-se para atacar a montanha e está, portanto, com a palavra de rei.

MONTANHA

Manuel de Sousa começa a atrasar-se, mas um atraso muito reduzido, pois, à entrada de Seia, o seu avanço cifra-se em 7 minutos e 40 segundos, o que se poderia considerar impressionante se não fosse a escalada comandada já por Firmino Bernardino que joga perfeitamente na sua superioridade e no público que o idolatra.

«Pega-se» no Manuel Sousa, porque a escalada é íngreme e há que chegar lá acima. Arrancam então Dinis Silva, Joaquim Andrade e José Martins. São eles que irão decidir a corrida.

Abstemo-nos agora de comentar o que foi grande parte da subida da Torre porque os «impulsos» dos paisanos foram permitidos pelo serviço policial, totalmente ineficaz e sem o menor mérito. E se a subida foi realmente dirigida pelo público e pelos carros de apoio que, praticamente, empurravam os corredores (não poucas vezes os seus tripulantes saíram do veículo para pegar durante centenas de metros na bicicleta e nos ciclistas para assim os levarem mais adiante), isso fica como o label da corrida.

Aparece um cartaz dos trabalhadores da Ambar reivindicando algumas pretensões. E simultaneamente começa a saber-se que ninguém está de acordo com o controlo anti-«doping». A palhaçada habitual.

O FISCAL PACTUANTE

Contámos acima como a coisa se passou, pelo menos em relação a Manuel Sousa, preso por atilhos e quase a cair pelo precipício. Depois do incidente há anos ocorrido com Norberto Duarte e daquela triste história já desmentida por Joaquim Andrade (em Voltas de anos anteriores) nunca tínhamos visto um ciclista de tal modo «sufocado» pelo peso da responsabilidade ou pelo amolecimento das suas pernas, como foi o caso de Manuel de Sousa: o carro MR-85-47, com toda a gente e mais alguma, não conseguia mesmo assim transportar o rapaz, a bicicleta, a bicicleta, o rapaz, os dois juntos. Havia que carregá-lo de qualquer maneira e então o fiscal pactuou com a mais atrofiante falcatura que temos visto no ciclismo: o veículo, atravessado na estrada, não permitia sequer que as pessoas pudessem ver bem como a coisa se processava, mas a verdade é que se percebia perfeitamente cá do alto que ele estava a ser rebocado de um lado e outro,



Dinis Silva, jovem ciclista do Benfica ganhou a etapa mais difícil da «Volta» e colocou-se em posição de grande favorito ao triunfo final

inclusive por elementos que a isso não tinham «acesso».

Um caso para o júri meditar.

Já a caminho da Torre, Jorge Fernandes empurra a pulso o camisola amarela e pela serra acima só se ouve um grito: «ajuda, ajuda». E então que António Martins descola e é ultrapassado por César Aires e por Jorge Fernandes. Firmino também é passado. A luta gigante vai decidir-se entre Dinis Silva e Andrade que, por momentos sustenta um diálogo com José Martins, o qual, escorrendo suor, em pedalada quase que inconsciente ou mecanizada se aproxima, isoladíssimo, do alto da Torre. A três quilómetros ele tem um minuto de avanço sobre a dupla Dinis-Andrade e cá atrás César Aires é ultrapassado por António Martins que fica no 4.º posto. Os «gigantes» trepam pela montanha. Firmino e Jorge Fernandes são exemplo de uma pedalada magnífica, arrogante e a 12 quilómetros da meta, portanto num plano mais recuado da prova, Firmino consegue ultrapassar António Martins e começa a preparar-se para ganhar terreno.

Depois o leitor conhece a história. Subitamente, numa volta de esquina, surge Dinis Silva a caminho da meta. Ninguém o conseguia travar e o próprio «afanamento» de Andrade e de José Martins refletia que, afinal, estávamos perante fibra de um grande, excepcional, e espantoso, campeão de bicicleta. Esse mesmo rapaz (Dinis Silva) que um dia veio da Ambar e ficou sem emprego, sem profissão, sem trabalho, durante os meses que a Federação muito bem entendeu.

A Torre tinha dito a primeira palavra, mas não a última, por que ainda hoje e depois no contra-relógio há cartas para jogar. Mas de qualquer maneira, a caminho da Mealhada, começa a adivinhar-se que este camisola amarela de Tavira não é menino tão peço que perca assim o comando da classificação de uma hora para a outra. Por outro lado, os gigantes da prova estão definidos: José Martins, Dinis Silva, Joaquim Andrade, têm cartas na mão, enquanto que Fernando Mendes, em declínio de for-

ma física, como acentuámos desde o primeiro dia desta Volta, parece ter esgotado as suas pretensões ou está preparado para jogá-las apenas no tal contra-relógio que passa à porta da sua casa aqui já para a meta de Lisboa.

Uma Volta assim, desvirtuada ou não, com incidências ou não, é sempre acontecimento. Pena é que, por vezes, fique marcada a negro.

Cinco eliminados

Nada menos de onze ciclistas entraram ontem na meta da Torre com o controlo encerrado.

Dos onze, seis foram repescados: Manuel Sousa, Amílcar Lopes, Vitorino Pereira, José Diogo, José Maria Nunes e Joaquim Sousa Santos.

Não tiveram repescagem possível e foram, portanto, eliminados: Manuel Gonçalves, José Madeira, Carlos Farramacho, Pedro Rodrigues e Belmiro Fernandes.

«DOPING»

O controlo anti-doping voltou a dar que falar. Já começa a ser uma palhaçada, que em nada prestigia os atletas, os clubes, os organismos a ele ligados, e a própria modalidade, para além de constituir uma verdadeira «machadada» nos pergaminhos da Volta.

Ontem dois dos elementos que deveriam ter ido à recolha das urinas, não foram. Negaram-se pura e simplesmente. A atitude foi tomada por Joaquim Andrade e Alvaro Roque (este designado por sorteio).

De modo que apenas compareceram ao controlo os ciclistas César Aires, camisola amarela, e Dinis Silva, vencedor da etapa.

Por esta recusa ao controlo, Joaquim Andrade e Alvaro Roque estão sujeitos às sanções previstas no regulamento, o que pode corresponder a uma penalização de 15 minutos no mínimo.

NEVOAR, LDA.

Tudo para Karting
R. Actor Rablles Monteiro,
1-A - LISBOA

PHILIPS

Rádios e Gravadores

S. MARCOS

PRAÇA DE LONDRES, 4-F

LISBOA

SALDAMOS

RESTO DE COLECCOES
SENHORA/HOMEM

VAUXHALL-OPEL
BEDFORD

os carros oficiais da
«Volta» são da
GENERAL MOTORS



VILAR
BICICLETAS
DE TODOS OS TIPOS E MODELOS

CICLO-AREEIRO
ALM. BASSO COUTINHO 3-B

DESPORTOS



Joaquim Andrade

Andrade agrediu Dinis Silva

Logo após ter cortado a meta na Torre, Joaquim Andrade dirigiu-se, furioso, a Dinis Silva e agrediu-o com um soco.

Acorreram várias pessoas que se encontravam próximo e foi possível separar os ciclistas desavindos. Mas não sem que Dinis Silva (o agredido) tivesse proferido a ameaça: «Deixa lá que amanhã ajustamos contas».

Quem deveria ajustar contas com eles era o júri, que é para isso (entre outras coisas) que lá anda.

Para justificar a sua atitude, Joaquim Andrade teria declarado que o Dinis Silva não cumpriu uma combinação que havia feito com ele: o Andrade puxava na subida, e em troca disso o Dinis consentiria que ele ganhasse a etapa.

Um incidente bastante lamentável, impróprio de desportistas e de oficiais do mesmo ofício...

N.S.



OS MELHORES CÂ DA RUA

Esta é a fabulosa equipa de voleibol do «Diário de Lisboa», que venceu a formação da «Efaced» por 3-0, com as marcas parciais de 15-12 e 15-2. Apesar da sua grande categoria, os nossos adversários foram impotentes para igualar a «classe», verdadeiramente fora-de-série, do «seis» do DL, sem dúvida a caminho de cometimentos de pasmar. Entretanto, estuda-se a hipótese da realização de outros encontros, já que aos muitos pedidos que recebemos, não pretendemos responder, «esmagando» as turmas que nos defrontam. Quem quiser, ainda está a tempo de se inscrever. Só que depois, não se queixe...

São estes, alguns dos «génios» cá da rua: João António, Magalhães e Fernanda Mestrinho, no primeiro plano; Vítor Oliveira, Augusto Mestre, Carlos Oliveira, Salvador Benjamim e Alexandre Pais, de pé e todos identificados da esquerda para a direita, salvo seja.

CLASSIFICAÇÕES

GERAL-INDIVIDUAL

	H. M. S.
1.º César Aires (Tav.)	43 34 47
2.º A. Martins (Bf.)	43 35 05
3.º Dinis Silva (Bf.)	43 35 43
4.º J. Martins (Coel.)	43 36 39
5.º F. Mendes (Bf.)	43 36 47
6.º Bernardino (Sp.)	43 37 05
7.º C. Vitorino (Tav.)	43 39 17
8.º J. Andrade (Por.)	43 39 31
9.º A. Costa (Porto.)	43 40 15
10.º Américo Silva (Bf.)	43 41 01
11.º Joaq. Leite (Bf.)	43 41 22
12.º A. Guedes (Amb.)	43 41 28
13.º Mário Silva (Coel.)	43 43 46
14.º V. Cardoso (Amb.)	43 44 02
15.º M. Silva (Porto.)	43 44 59
16.º M. Oliveira (Amb.)	43 46 31
17.º Luis Dóres (Tav.)	43 47 47
18.º A. Roque (Ambar)	43 47 47
19.º J. Fernandes (Tav.)	43 47 50
20.º V. Fernandes (Bf.)	43 48 01
21.º J. Pacheco (Bf.)	43 48 54
22.º A. Teixeira (Sp.)	43 53 09
23.º J. Sampaio (Coel.)	43 53 47
24.º V. Rocha (Sp.)	43 53 55
25.º M. Costa (Porto.)	43 56 42
26.º J. Santos (Sang.)	43 59 12
27.º F. Ferreira (Sp.)	43 59 12
28.º M. Rego (Coel.)	43 59 34
29.º A. Vieira (Coel.)	43 59 54
30.º L. Miranda (Sp.)	44 03 14
31.º C. Gomes (Porto.)	44 04 51
32.º J. Santos (Sang.)	44 05 52
33.º J. Marta (Sang.)	44 06 08
34.º J. Nunes (Tav.)	44 07 16
35.º M. Sousa (Porto.)	44 09 57
36.º A. Castro (Amb.)	44 12 21
37.º J. Freire (Amb.)	44 12 25
38.º L. Vale (Sang.)	44 12 43
39.º M. Gomes (Sp.)	44 13 02
40.º A. Nascimento (T.)	44 16 26
41.º J. Silva (Amb.)	44 17 24
42.º N. Duarte (Sang.)	44 29 12
43.º A. Barradas (Sp.)	44 33 13
44.º V. Pereira (Sang.)	44 33 34
45.º A. Lopes (Sang.)	44 56 32
46.º R. Martins (Sang.)	45 04 17
47.º José Diogo (Sang.)	45 15 56

MONTANHA

(1.º categ. PENHAS DOURADAS)

	P.
Joaquim Leite (Bf.)	15
2.º Américo Vieira (Coelima)	12
3.º Manuel Silva (Porto)	9
4.º Dinis Silva (Bf.)	7
5.º José Martins (Coelima)	5
6.º Joaquim Silva (Ambar)	3
7.º Pedro Rodrigues (Coelima)	1

(1.º categ. TORRE)

	P.
1.º Dinis Silva (Bf.)	15
2.º Joaquim Andrade (Porto)	12
3.º José Martins (Coelima)	9
4.º Firmino Bernardino (Sp.)	7
5.º César Aires (Tavira)	5
6.º António Martins (Bf.)	3
7.º Joaquim Leite (Bf.)	1

EQUIPAS

	H. M. S.
1.º BENFICA	9 20 31
2.º Porto	9 26 50
3.º Távira	9 27 24
4.º Sporting	9 27 29
5.º Ambar	9 28 03
6.º Coelima	9 29 04
7.º Sangalhos	9 44 29
8.º Salgueiros	9 49 21

INDIVIDUAL (Manteigas-Torre)

	H. M. S.
1.º Dinis Silva (Bf.)	3 05 37
2.º J. Andrade (Porto)	3 05 54
3.º J. Martins (Coel.)	3 06 25
4.º F. Bernardino (Sp.)	3 07 10
5.º César Aires (Tav.)	3 07 15
6.º A. Martins (Bf.)	3 07 18
7.º Joaq. Leite (Bf.)	3 07 36
8.º V. Cardoso (Amb.)	3 07 42
9.º F. Mendes (Bf.)	m.t.
10.º V. Cardoso (Ambar)	3 08 39
11.º A. Guedes (Ambar)	m.t.
12.º Alb. Costa (Porto)	3 08 52
13.º J. Fernandes (Tav.)	3 09 45
14.º A. Teixeira (Sport)	3 09 55
15.º A. Silva (Bf.)	3 09 57
16.º C. Vitorino (Tav.)	3 10 24
17.º F. Ferreira (Sport)	m.t.
18.º Álv. Roque (Ambar)	3 10 45
19.º J. Sampaio (Coel.)	3 11 00
20.º Mário Silva (Coel.)	3 11 39
21.º Man. Gomes (Sp.)	3 11 42
22.º Man. Silva (Porto)	3 12 04
23.º Man. Rego (Coel.)	3 12 07
24.º A. Barradas (Sport)	3 12 10
25.º Joaq. Silva (Ambar)	3 12 28
26.º M. Oliveira (Amb.)	m.t.
27.º C. Gomes (Porto)	3 13 27
28.º Vítor Rocha (Sport)	m.t.
29.º L. Miranda (Sp.)	m.t.
30.º N. Duarte (Sang.)	3 13 33
31.º Luis Dóres (Tav.)	m.t.
32.º Man. Costa (Porto)	3 14 07
33.º A. Castro (Ambar)	3 14 15
34.º J. Pacheco (Bf.)	3 15 10
35.º J. S. Santos (Sang.)	m.t.
36.º Luciano Vale (Sang.)	3 15 34
37.º João Marta (Sang.)	3 15 46
38.º R. Martins (Sang.)	3 16 12
39.º J. Freire (Ambar)	3 16 31

MONTANHA

	P.
1.º Joaquim Leite (Bf.)	59
2.º José Martins (Coel.)	43
3.º Firmino Bernardino (Sp.)	34
4.º Américo Vieira (Coel.)	29
5.º Dinis Silva (Bf.)	22

PONTOS

	P.
1.º Cust. Gomes (Porto)	85
2.º Fernando Mendes (Bf.)	43
3.º Joaquim Leite (Bf.)	29
4.º Albano Costa (Porto)	24
5.º Manuel Silva (Porto)	22

CAMISOLA VERDE
Prémio Philishave

NATAÇÃO

Vedetas da natação norte-americana, entre as quais se contam Debbie Meyer (três medalhas de ouro nos Jogos Olímpicos do México, 23 recordes mundiais e 31 americanos) e Walt Hardin (com 14 anos, está apontado como o provável sucessor do campeoníssimo Mark Spitz), exibem-se em Portugal durante o próximo mês de Setembro, segundo foi revelado pelos promotores da vinda ao nosso País das equipas masculina e feminina do Arden Hills Awiming and Tennis Club, da Califórnia.

A série de festivais que aqui vêm realizar está a ser cuidadosamente programada, esperando-se que, dentro em breve, possam ser indicadas as datas e os locais das exposições, bem como os nomes e respectivos «palmares» dos restantes componentes das equipas.

Em todo o caso, pode já adiantar-se que, para a piscina do Sport Algés e Dafundo, estão marcados já três festivais, para os dias 7 e 8 e 15 de Setembro. Prevêem-se ainda festivais em Lagos, Tróia, Guimarães e Coimbra.

FUTEBOL

Uma equipa polaca no "Torneio do Algarve"

Realiza-se nos dias 24, 25 e 27 do corrente, em Faro, um torneio de futebol denominado «Torneio Internacional do Algarve».

Participam na competição, além do clube organizador, o Sporting Farense, o Olhanense, o Sporting Clube de Portugal e a equipa polaca do Lech Poznan, quarto classificado do campeonato da Polónia, que inclui quatro internacionais, entre eles Dacubzack, que fez parte da selecção que disputou o último «Mundial».

O torneio, que está dotado com o «Troféu Algarve» oferecido pelo Banco do Algarve, tem o seguinte programa de jogos:

Dia 24, às 21.45: Farense-Lech Poznan

Dia 25, às 21.45 h: Sporting-Olhanense.

Os jogos para apuramento do 3.º e 4.º classificados e a final, joga-se no dia 27, às 20 e às 22 horas, respectivamente.

Esta competição, que se espera venha a reeditar-se nos anos seguintes, está a despertar natural interesse em todo o Algarve, não só pela expectativa de que se rodeia a apresentação da nova equipa de Mário Lino, como pela rivalidade regional com os seus vizinhos de Olhão, ou pela curiosidade de ver em acção os sportinguistas dirigidos pelo famoso Di Stefano, mas, muito especialmente, pela presença da turma polaca, cujo futebol esteve em grande evidência no recente «Mundial» de Munique.

TAÇA DE HONRA DA ASSOCIAÇÃO DE FARO

Principia no dia 25 deste mês a Taça de Honra da Associação de Futebol de Faro que, esta época, terá cinco jornadas e envolverá sete clubes: Farense, Olhanense, Portimonense, Lusitano de Vila Real, União Sambrasense, Silves e Esperança de Lagos.

A primeira jornada, no dia 25, tem o seguinte programa: Olhanense-Lusitano, Portimonense-União Sambrasense e Silves-Esperança de Lagos. Ficou isento, neste dia, o Farense. A segunda jornada realiza-se a 28, a 3.ª a 29, a 4.ª no dia 1 de Setembro, a quinta no dia 4 e a 6.ª a 11 de Setembro.

SÓ TREINADORES HABILITADOS PODEM EXERCER A PROFISSÃO

A comissão directiva do Sindicato Nacional dos Treinadores de Futebol enviou-nos o seguinte comunicado, relacionado com a contratação de técnicos de futebol para a próxima época:

«Para exercício da profissão de treinador de futebol, em Portugal, é necessário ser possuidor da respectiva carteira profissional, passada pelo sindicato.

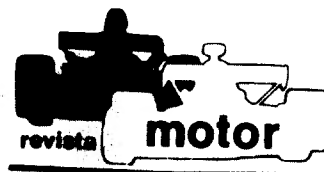
Não devem os clubes formar contrato com indivíduos que não estejam devidamente habilitados com esse indispensável documento. Para o efeito, sempre que pretendam assegurar os serviços de técnicos de futebol, devem certificar-se junto do sindicato se estão oficialmente habilitados».

ante-estreia
hoje às 00.30 h
um filme de PASCAL THOMAS
NÃO CHORES COM A BOCA CHEIA
PLEURE PAS LA BOUCHE PLEINE



os amores de verão de quatro adolescentes!

NAO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 13 ANOS



GERAL

A trágica semana de Luanda e o futuro de Angola

Continuação da pág. 3

do apenas, por prazo e em condições a definir, os que forem expressamente solicitados pelo P. A. I. G. C. para apoio técnico.

Diversas são ainda as perspectivas em Moçambique, onde as forças de extrema-direita, ligadas aos Estados racistas e segregacionistas da África Austral, tentam fomentar a desordem e semear divisões, que não irão avante. Refiro-me a esses sórdidos aventureiros pidescos, a soldo do capital, que são Joana Simeão e Lázaro Kavan-dame. Por detrás dessa onda de loucura, que vai encontrar como dique a união em breve consoli-

dada — assim o espero — das Forças Armadas portuguesas e da FRELIMO, erguem-se as sinistras figuras de Jorge Jardim e dos seus apaniguados da alta finança. Mas a população europeia de Moçambique, até pelo seu número reduzido (cerca de 250 000 habitantes compreendeu já nitidamente, à excepção de alguns criminosos e desviados, qual o rumo a tomar para a sua permanência e vinculação.

Ouvi, pela rádio, um discurso, com vivas à FRELIMO, do advogado Carlos Adrião Rodrigues, que era saudado por uns com palmas e por outros rejeitado com for-ses assobios. É uma fase ainda dura a que Moçambique atravessa. Os combatentes da FRELIMO surgem já nas cidades do Norte e não tarda, confiamos, que sejam chamados para o Governo.

Não podemos ignorar Cabo Verde e a sua aspiração legítima à independência. Cabo Verde, onde o P. A. I. G. C. tem forte implantação e lógica liderança. Cabo Ver-

de e também São Tomé e Príncipe, que muitas vezes são esquecidos, quando a sua aspiração à liberdade é tão intensa e tão respeitável como a dos povos que na hora decisiva do seu destino pegaram em armas, abrindo a marcha para a vitória ou para a morte. Tal não será já preciso, se o Movimento das Forças Armadas souber inteiramente interpretar e, se necessário impor desejo de afirmação plena da democracia portuguesa, que nós, antifascistas, durante anos reclamámos, nesse projecto irmanados com os Movimentos de Libertação das Colónias.

Termino evocando a admirável figura de Amílcar Cabral que foi quem escreveu esta frase límpida e vigorosa:

«Temos de reafirmar a todas as forças anti-imperialistas do Mundo e em particular às que lutam na América Latina, na Ásia e na África, que não pararemos e que todos os dias havemos de fazer avançar vigorosamente a nossa luta».

Comunicado da F.N.L.A.

KINSHASA, 16 (F. P.) — A F.N.L.A. publicou um comunicado em que anuncia que 24 jovens angolanos chegados na quinta-feira a Kinshasa contam que os comerciantes brancos de Angola envenenam a água e os géneros alimentícios vendidos às populações negras.

Estes jovens patriotas, todos membros das células da F.N.L.A. que operam em Luanda e Carmona, são sobreviventes das chacinas perpetradas pelos colonos portugueses em

Angola — afirmou o comunicado.

A F.N.L.A. prossegue o comunicado — consciente das suas responsabilidades, denuncia estas manobras dos racistas e dos colonialistas portugueses para instaurar um clima de ódio e cavar mais o fosso que separa as comunidades negra e branca em Angola.

A F.N.L.A. põe de sobreaviso as autoridades portuguesas contra a indiferença manifesta de que dão provas ante estes actos cruéis e desumanos.

Definidas as pequenas e médias empresas

Continuação da pág. 1

químicas, indústrias metalúrgicas de base, fabricação de produtos metálicos com excepção de máquinas e material de transporte, construção de máquinas com excepção das eléctricas, construção de máquinas, aparelhos, utensílios e outro material eléctrico, construção de material de transporte, indústrias transformadoras diversas, e

construção e obras públicas; — não possuírem 25 por cento ou mais do capital de outras empresas (ou não serem possuídas, em 25 por cento ou mais, por uma outra empresa).

Para efeito do disposto neste articulado considera-se que trabalham habitualmente numa empresa os empregados permanentes e ainda os eventuais desde que tenham trabalhado pelo menos 50 por cento dos dias úteis do ano civil anterior. Para efeito do volume de emprego não são considerados os sócios da empresa.

As empresas que detenham 25 por cento ou mais do capital de outras empresas serão consideradas em conjunto com estas para verificação dos requisitos caracterizados das pequenas e médias empresas.

O despacho segue-se a um estudo feito pela comissão de apoio criada em 31 de Maio passado, a qual tinha representantes das Secretarias de Estado das Finanças, Indústria e Energia e Comércio Externo e Turismo, Branco de Portugal e banca comercial.

televisão

HOJE

1.º Programa 21.30)

INVENTÁRIO MUSICAL

Um programa de Francisco D'Orey

2.º Programa (21.00)

«FLECHA NEGRA»

5.º Episódio da série produzida pela Radiotevisão Italiana baseada num romance de R.L. Stevenson realizada por Anton Giulio Majano e interpretado pelo actor Aldo Reggiani

HOJE	AMANHÁ
1.º Programa 1.º Período	1.º Programa 1.º Período
12.45 Abertura e desenhos animados «Zé Colmeia»	12.45 Abertura e desenhos animados «Os Gatos Detectives»
13.00 Sangue na estrada	13.15 Os Garotos do 47-A
13.15 Um estranho nas colinas	13.45 Telejornal — 1.ª edição
13.45 Telejornal — 1.ª edição	14.00 Hoje pode ver
14.00 Saber não faz mal	14.15 Um caso da semana
14.15 Logo à noite	14.35 Dó, lá, si
2.º Período	15.00 Documentário
19.30 Minijornal	15.25 Desenhos animados — Flintstones
19.35 TV infantil	15.55 Estúdio sem marcação
20.00 Fridtjof Nansen	16.30 Os Walltons
20.30 Os Movimentos Políticos e a economia	17.20 Teledesperto
21.00 Telejornal — 2.ª edição	17.45 A Cozinha ao alcance de todos
21.30 Inventario musical	17.45 Silêncio... vamos rir
22.30 Histórias do amor	18.15 As Aventuras de Black Beauty
23.30 Volta a Portugal em bicicleta	18.45 Cada dia uma esperança
23.50 Telejornal — 3.ª edição	19.00 Telejornal — 2.ª edição
00.00 Fecho	19.15 Se bem me lembro
2.º Programa	19.45 Cariz TV
20.00 Abertura e desenhos animados	20.00 Ensaio
20.15 Um Estranho Nas Colinas	21.00 Telejornal — 3.ª edição
20.40 Sangue na estrada	21.30 Um país, uma música
21.00 «Flecha Negra»	22.30 O Sinal do pragão
21.50 Telejornal	23.30 Volta a Portugal em bicicleta
23.10 Fecho	23.45 Telejornal — 4.ª edição
	23.50 Fecho
	2.º Programa
	20.00 Abertura e «Os Garotos do 47-A»
	20.30 Um caso da semana
	21.00 Médicos de hoje
	22.00 Expedição
	22.30 Telejornal
	23.00 Fecho

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
CVP	66 5342	Aeroporto	71 1397
H. de S. José	86 0131	C.R.G.E.	53 7021
H. de S. Maria	73 0231	C. Águas	36 1361
P.S.P.	36 6141	Combóios	32 6222

tempo

Situação do tempo
09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava pouco nublado e o vento era fraco.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	21°
P. DOURADAS	22°
COIMBRA	22°
PORTALEGRE	28°
LISBOA	21°
FARO	28°
FUNCHAL	22°

TEMPERATURAS EXTREMAS

RÉGUA

..... Máxima 29,5°

MONTALEGRE

..... Mínima 9,8°

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar	16,5°
Atmosfera	22,2°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR BAIXA-MAR

2.40	3.8 m	8.20	0.8 m
15.01	4.1 m	20.52	0m5 m

DIA 17

3.29	4.0 m	0.07	0.6 m
15.49	4.3 m	2x.38	0.4 m

DIA 18

4.15	4.1 m	0.51	0.4 m
16.34	4m4 m	2w.21	0.3 m

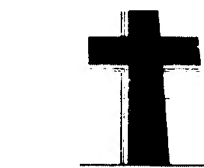
PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu pouco nublado temporariamente muito nublado na Faixa Costeira Ocidental durante a manhã, vento fraco predominando de Sueste excepto no litoral algarvio onde poderá soprar moderado de Leste.

AMANHÃ

NAScer AS	6.51
OCASO AS	20.31

DIA 17	DIA 24	DIA 1	DIA 9
--------	--------	-------	-------



DOMINGOS DOS SANTOS

SARGENTO-AJUDANTE
SUBCHEFE DE MÚSICA

Missa do 7.º dia
e agradecimento

Sua mulher, filhos, genro, nora, netos, bisnetos e mais família cumprem o doloroso dever de participar que amanhã, dia 17 pelas 11.30 h., na Igreja do Sagrado Coração de Jesus, será rezada missa pelo eterno descanso do seu muito querido marido, pai, sogro, avô, bisavô e parente, agradecendo desde já a todos que se dignarem comparecer a este acto e bem assim aos que o acompanharam à sua última morada, não o fazendo pessoalmente por desconhecimento de moradas.

Agência Rodrigues

Lisboa Porto

7 COMBÓIOS DIÁRIOS EM CADA SENTIDO

VIAJE DE COMBÓIO

CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

GERAL



RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO GERAL
E PUBLICIDADE:
RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º E 4.º
TELEF. 654531/2/3/4
REDAÇÃO E SERVIÇOS TÉCNICOS:
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 321154/5, 320271/2/3
RUA DA ROSA, 57
END. TEL. DIBOA, TELEF. 12363
LISBOA-PORTUGAL

MOVIMENTO SOCIALISTA
POPULAR

"Che" Guevara
nas instalações da censura

Nas antigas instalações da Censura à Imprensa encontra-se agora a sede de um movimento político que se situa na ala esquerda do Partido Socialista: é exactamente o Movimento Socialista Popular, fundado, nos fins de Maio, por um grupo constituído, entre outros, por Manuel Serra, Rui Magalhães Carneiro, Jaime Carvalho da Silva e José Paulo da Silva Graça.

O que a situação tem de insólito é que na casa onde funcionou durante décadas o lápis azul, símbolo de um dos mais eficazes instrumentos do aparelho de repressão, se encontram agora nomes, pessoas e ideias que os antigos habitantes do primeiro andar do 125 da Rua da Misericórdia zelosamente perseguiram.

Os ficheiros, arquivos, «dos-siers», pastas com documentação, pertencentes à antiga instituição, foram confiados ao Ministério da Comunicação Social, segundo nos informaram na sede do Movimento. Mas algum material ficou da Censura e do espírito que a informava. Além do mobiliário, antiquado e de mau gosto ficou (para comodidade dos serviços do M.S.P.) um PBX com linhas directas para vários Ministérios; listas com os nomes, as moradas e os números de todos os funcionários da instituição; números de telefones de jornais, agências e livrarias, etc. Um pormenor curioso: em duas pequenas salas interiores que funcionavam como salas de espera, ao lado de «posters» de Che Guevara, e de outros salu-sivos ao 25 de Abril, sobreviveram, tristemente penduradas nas paredes, umas caricaturas assinadas por Valença (que escreve, por baixo de uma das suas rubricas, «já fui vítima»), cujo tema, a Censura, é representado por uma mulher disforme e mal encarada, ornada de tesouras, lápis e rolinhas.

Nas escadas que conduzem ao andar de cima, duas santas (ou duas «Nossas Senhoras», voltam os rostos evangélicos para os transeuntes que passam na rua. Como estão de costas para os utentes da escada (uma delas é mesmo invisível da escada), ain-

da não se chegou a qualquer conclusão sobre a sua identidade. Mas, segundo a opinião de uma das funcionárias da limpeza, trata-se de Santa Teresa.

No segundo andar, numa casa ensoalhada, mas deprimente, ficavam as salas de trabalho dos «leitores». Aqui funciona agora a Federação Distrital do Partido Socialista. Os actuais ocupantes não sabem muito bem o que lá existia antes: a casa, identificada como sede da Censura (só mais tarde se descobriu as salas do primeiro andar); foi invadida e devastada pelo Povo logo a seguir ao 25 de Abril.

Moedas
na calçada

Carregava um pesado fardo e o guarda-nocturno ficou de olho nele. E quando parou para descansar, já quase ao cimo das Escadinhas da Saúde, o agente da autoridade deu-lhe ordem de alto. E Eugénio Carvalho obedeceu. «Para quê tentar a fuga, se trôpego como sou mal posso fugir» — disse, com ar cansado e desiludido.

E, desenrolado o fardo, logo dezenas de moedas caíram sobre a calçada. Moedas de dez e cinco tostões, num total de 1.726 escudos.

JURISTAS
DEMOCRATAS

Na Ordem dos Advogados e por iniciativa de um grupo de advogados portugueses, efectua-se às 18 e 30 de hoje o acto de constituição da Secção Portuguesa da Associação Internacional dos Juristas Democratas, no qual estará presente o advogado francês Jose Nordmann. Da secção, que depois de constituída, se avistará às 19 e 15, com o ministro da Justiça, fazem parte, entre outros, os drs. Manuel João da Palma Carlos, Levy Baptista, Joaquim Mestre e Eduardo Figueiredo.

Simpatizantes do P.A.I.G.C.
manifestaram-se em Lisboa

Continuação da pág. 1

por ser afirmado. As intervenções focaram particularmente a unidade entre a Guiné-Bissau e Cabo Verde no processo da independência. Foi ali sublinhado o exemplo de Amílcar Cabral, «filho do povo da Guiné e Cabo Verde», e lembradas as razões históricas que unem os povos dos dois territórios, nomeadamente o facto de os habitantes do arquipélago descenderem de antigos escravos da Guiné, assim como a existência de traços culturais comuns. Mas foi sobretudo a unidade de *seangue e de luta* que os oradores sublinharam. Afirmaram ali que o capitalismo se tem manifestado com uma «mão de ferro», reprimindo duramente organizações revolucionárias e tentando isolar algumas correntes políticas e fazendo massacres em Luanda e Moçambique, reprimindo em S. Tomé e em Cabo Verde. *É isso que faz com que os povos das colónias e o povo português se aliem, unam e lutem contra o inimigo comum. O inimigo é exactamente o mesmo e, nesta base, o combate terá de o ser também* — disse. Afirmou-se também que, além dos despendimentos que afectam portugueses e caboverdianos, a burguesia tem lançado mão de tentativas para dividir os trabalhadores europeus e africanos e tem fomentado uma campanha de ódio contra os africanos. Segundo ali foi dito, têm

aumentado as agressões contra os caboverdianos, pelo que se entendeu que «tais agressões não são actos isolados» e que «há que denunciar a cumplicidade da P.S.P.». Nesta sequência, foi ali dito que a única resposta à presente vaga repressiva será a solidariedade entre os povos das colónias e o português. Os manifestantes repudiaram também aquilo a que chamaram de «A FARSA DE UM REFERENDO» que, pretendia transformar Cabo Verde «numa ponta de lança da dominação» dos novos países africanos. As intervenções foram intercaladas com os gritos de *Independência imediata para Cabo Verde, Unidade Guiné-Cabo Verde*.

Foi ainda criticada «a imprensa burguesa», nomeadamente por «insinuar» que os caboverdianos que em Luanda «têm aí manifestado o seu apoio incondicional ao M.P.L.A. estarão a ser repatriados na mesma base dos racistas brancos exploradores». Os caboverdianos — disse — *escolheram o seu lado da baricada e como resposta são obrigados a abandonar Angola e o seu apoio efectivo à luta do M.P.L.A.* Durante o comício do Rossio, foi aclamada uma moção relativa aos acontecimentos ocorridos na sequência da proibição do comício de esclarecimento, promovido pela Casa de Angola. Nela, «simpatizantes do M.P.L.A. (angola-

nos, moçambicanos, guineenses, caboverdianos e portugueses) repudiaram a decisão do Governo Provisório e do Estado-Maior General das Forças Armadas, coarctando a liberdade de expressão e o direito de reunião àqueles que pretendem divulgar o verdadeiro sentir do povo angolano. Depois de repudiarem a intervenção da P.M. e da P.S.P. e a actuação de um agente desta corporação que rasgou uma bandeira da Frelimo, a moção acusa e responsabiliza «a polícia de choque (dita extinta pela Junta) e aqueles que a enviaram que, num acto próprio da sua natureza, assassinaram com rajadas de metralhadora uma pessoa e feriram bastantes outras» (ponto 6.º). «Moção saúda ainda os camaradas portugueses anticolonialistas que, cumprindo um dever internacionalista, permaneceram firmes, apesar das provocações de que foram alvo por parte de elementos reacconários» e lamenta a morte de Vítor Manuel, para cujo funeral se exortam a comparecer.

Dado que a União Democrática de Cabo Verde — «grupo de bandidos», como foi apudada no comício — convocou uma manifestação para as 16 horas de domingo na Praça do Comércio, os simpatizantes do P.A.I.G.C. apelaram a todos os aderentes e simpatizantes seus para que aí se deslocassem.

Terrorismo em Moçambique

Continuação da pág. 1

estragos causados pela deflagração.

Com este caso o sentimento de insegurança voltou a instalar-se nos habitantes da cidade, que vêem apreensivos o constante alastrar da violência reacconária por todo o território. Se o atentado tivesse tido êxito completado Moçambique teria ficado sem imprensa diária, já que o «Notícias da Beira» e o «Diário» se encontram paralisados sem que se vislumbre qualquer solução.

O «Notícias» de Lourenço Marques é o único jornal a cobrir todo o território. Por outro lado, dado que se espera a todo o momento o reinício das conversações entre Portugal e a Frelimo, com este golpe a reacção poderia reduzir a cobertura de tão importante momento apenas aos noticiários do Rádio Clube de Moçambique.

Entretanto, nos distritos de Nampula e Ilha, tudo parece estar a voltar à normalidade, com a situação já calma e completamente dominada pelas autoridades. Na manhã de ontem, em António Enes, foram detidos oito proeminentes negros daquela localidade, com relevo para o comerciante Suaué, indivíduo influente junto da população e possivelmente um dos pontos de partida de toda a agitação. Os oito detidos foram transportados para Nampula a fim de aí se averiguar da sua culpabilidade nos incidentes que causaram o caos económico na zona e levaram muitos colonos do interior a largarem todos os seus haveres e fugirem para os centros urbanos. Ao mesmo tempo, em

Nampula, foram também presos mais cinquenta elementos de grupos bandedeiros que operavam na área. Deste modo, já não há dúvidas quanto à existência de elementos agitados que se infiltraram no seio das populações pouco politizadas daqueles distritos e que até agora não tinham sido atingidas pela guerra. As populações negras foram instigadas a destruir plantações e unidades fabris, ao mesmo tempo que se lançavam sobre os cantineiros, muitos dos quais indianos, afectando desse modo todos os circuitos de produção e distribuição, quebrando o elo de mercado essencial à vida colectiva e desmantelamento económico da região é bastante grave e as consequências reais apenas se verão em toda a extensão num futuro próximo. Observadores relacionam os acontecimentos com a actividade de grupos políticos fantoches (com relevo para a FRECOMO de Joana Simeão) que pretendem o levantamento do povo Macua, como resalta da recente distribuição de panfletos naquela zona em que se afirmava que o «macua era parvo se não actua» (sic) e ainda que os Macuas, sendo três milhões eram suficientemente fortes para enfrentar qualquer exército. Um outro aspecto denunciado destas manobras é o facto de ainda há dois ou três dias terem sido detectados elementos desconhecidos que, viajando de moto, andaram a incitar a população ao saque total.

Por outro lado, também na zona de António Enes, os rege-dores estão a efectuar banjas com a população no sentido de serem devolvidos os pro-

ductos dos saques, facto que já está a ocorrer em certas zonas. Simultaneamente a «Voz de Moçambique», em Nampula, através das suas emissões em macua, tem estado a radiodifundir repetidamente apelos à população para que se acatelem contra os agitadores que actuam no distrito, denunciando-os como reacconários que pretendem criar um clima de violência com vista a prejudicar as negociações com a FRELIMO e a retardar a independência do povo moçambicano.

Entretanto os democratas de Moçambique em Tete, enviaram ao general Spínola um telegrama responsabilizando os grupos políticos neocolonialistas e racistas pelos incidentes de António Enes e concelhos limítrofes, ao mesmo tempo que denunciava a deslocação a Lisboa de elementos de movimentos políticos estranhos à FRELIMO e sem qualquer representatividade, os quais irão ter audiência com o Presidente da República. O telegrama, que afirma que a paz só será possível com a transmissão imediata de poderes para a FRELIMO diz também que o Movimento das Forças Armadas poderá resultar em pura perda para o povo moçambicano se as mesmas Forças Armadas não forem implacáveis no combate às forças reacconárias ao serviço de conhecidos interesses neocolonialistas. Neste contexto é de realçar as notícias chegadas a Lourenço Marques, revelando que a comissão regional do Movimento das Forças Armadas de Nampula apresentou o seu pedido de demissão, dado não ter condições para desenvolver o sua actividade.

P.A.I.G.C.:
"Queremos
que os
comerciantes
fiquem"

BISSAU, 16 — (Por Eric Makedonsky, da F.P.) — Num país como a Guiné-Bissau, onde a indústria existente está reduzida a algumas hulheiras, fábricas de descasque de amendoim, arrozais, fábricas de sabão e umas quinze destilarias de «cana» (o Rum local), põe-se, em primeiro lugar, a questão de saber se se quer estudar o futuro dos três mil estrangeiros residentes no país (não incluindo militares) e se se vai procurar saber o que vão fazer 7000 membros da Associação dos Comerciantes de Bissau, que é o equivalente às Câmaras de Comércio de outros países.

O PAIGC, que vai governar o país, dá uma responsabilidade nítida: «Queremos que os comerciantes fiquem», disse-nos Juvêncio Gomes, delegado do PAIGC junto do Governador da Guiné-Bissau. Nos seus primeiros contactos, o PAIGC disse mesmo, na Associação, e em muitas casas comerciais, desejar que os comerciantes ficassem não só em Bissau como nos centros populacionais do mato. Com efeito, nas populações do interior, nomeadamente as que eram protegidas por campos entricheirados portugueses, ainda há pouco cedidos ao PAIGC, existem comerciantes portugueses ou libaneses.

Por outro lado, os comerciantes contactados pelo PAIGC perguntaram se a sua política não compreenderia a nacionalização de certos sectores comerciais.

Entretanto, as grandes casas comerciais não alteraram sensivelmente as suas actividades, pois têm interesses relativamente importantes a preservar.

Não acontece o mesmo entre os pequenos comerciantes, mais receosos, alguns dos quais já partiram. Os membros da Associação dos Comerciantes avaliam em 300 o número de partidas súbitas «para férias», o que representa cerca de 50 por cento do número de filiados da organização.

Os comerciantes indecisos adoptaram soluções transitórias, tanto mais que o PAIGC, para impedir as partidas de estrangeiros, desencoraja discretamente os africanos de comprarem os seus bens. Alguns comerciantes deixaram um gerente. Outros alugaram a casa. Um deles deu sociedade aos empregados.

Joaquim da Costa Pinheiro, presidente da Associação dos Comerciantes, afirma, por seu turno, que a maior parte dos comerciantes acabará por voltar, tanto mais que não deve ser muito fácil instalarem-se em Portugal.

SEIS MORTOS
NO PORTO
DE LEIXÕES

Eleva-se a seis mortos e quatro feridos o número de vítimas do incêndio registado na madrugada de ontem, a bordo do navio grego «Aliakmon Progress», que se encontra no porto de Leixões. Os mortos são: o comandante, Patsarisis Stanos; o engenheiro chefe, Ethimion Antónios; o engenheiro de máquinas, Panagiotis Karfítosopoulos; e dois tripulantes ainda não identificados. Os feridos, em estado grave, são: Lazos Ionia e Kontoulis Christos, internados nos hospitais de Matosinhos; e Antónios Amolochitis, 1.º oficial, e Efthichios Iconomalis, no Hospital de Santo António, no Porto.

COMPANHIAS REUNIDAS
GÁS E ELECTRICIDADE
AVISO AOS CONSUMIDORES

Trabalhos inadivéis para a boa conservação das redes obrigam-nos a interromper, durante algumas horas, o fornecimento de energia eléctrica no próximo Domingo, nos seguintes Sectores e Zonas.

3.º Sector — Concelho de Lisboa: Casal Ventoso de Baixo e Imediações (das 8 às 12 horas).

5.º Sector — Rua do Norte, 55 a 79, Rua das Gáveas, 35 a 85,

Trav. Fiéis de Deus, 17 a 25, Rua Diário Notícias, 50, 110 a 126 e 130 a 136, (das 8 às 12 horas).

9.º Sector — Estrada de Chelas (parte) e Imediações (das 8 às 12 horas).

1.ª Zona — Concelho de Cascais — CARCAVELOS: Av. do Loureiro, Estr. para a Rebelva, Q1.ª de S. João, Av. de Nossa Senhora dos Remédios e imediações (das 8 às 14 horas).